

AILHA  
do FINAL do  
TEMPO  
Javier González





Para Alodia, e para os meus filhos, Javier, Antón, Joaquín e Alodia. O lugar de onde nunca devia ter partido e o lugar ao qual sempre desejo regressar.

*“A Ilha de San Borondón encantada,  
vale mais que dez ilhas de San Borondón  
descobertas.”*

MIGUEL DE CERVANTES

## CAPÍTULO I

COBISA, PROVÍNCIA DE TOLEDO, 6 DE JUNHO DE 2009.

*Capita I. Navigatio Sancti Brendani abbatis. O monge Odran visita Brendanus, abade de Conflert, informa-o da sua extraordinária viagem e pede-lhe que se encontre com o irmão Mernoc na Ilha do Paraíso.*

Cobisa era uma daquelas aldeias pequenas e tranquilas de La Mancha, onde nunca acontecia nada. Até que um dia aconteceu alguma coisa.

E a partir daí, aconteceu tudo de uma vez.

– Você devia vir ver o que aconteceu na igreja, senhor presidente. – O secretário tinha entrado no seu escritório, após ter batido duas vezes com os nós dos dedos na aduela da porta.

Ramón Sánchez, o presidente da Câmara, levantou o olhar da sua papelada, as amostras de cor do folheto das festas da aldeia para as quais faltavam apenas algumas semanas. Aguçou o olhar em direcção ao seu secretário. Era o único da sua equipa municipal que o tratava por “você” e o único que tinha coragem de irromper pelo seu escritório sem esperar pelo obrigatório “entre” que o alcaide oferecia a toda a gente. Pensou que se ele não fosse tão desgraçadamente eficiente, ocuparia um posto privilegiado na sua primeira crise municipal.

– O que se passou? – perguntou sem perder a compostura, pois por isso mesmo já estava há três legislaturas no cargo, e esta última com maioria absoluta, o que sempre permite maior comodidade durante quatro anos.

– Um acidente nas obras da igreja, senhor presidente. Ramón franziu o sobrolho. Um acidente laboral em obras municipais nunca era uma boa notícia, levantaria sempre questões por parte da oposição sobre segurança, adjudicação de trabalho e outras futilidades do género.

– Contas-me pelo caminho. – Disse, enquanto se levantava da mesa.

Os operários acabavam de remover os escombros, retirando com cui-

dado o resto do entulho que cobria o corpo que repousava no fundo da dupla parede recém-descoberta pela acção da picareta.

Quando os operários se afastaram, Nuria Rubio, a inspectora do Património da Comunidade Autónoma de Castela La Mancha, trepou pelos andaimes com a agilidade que lhe conferiam os seus trinta anos e o hábito de muitas obras a seu encargo.

Ao chegar à plataforma superior, a três metros do solo, inclinou-se em direcção ao buraco da derrocada e apontou a sua lanterna através das escuras trevas que inundavam a câmara, recém-descoberta entre a parede mestra da igreja e a parede falsa.

Não havia dúvida. Aquilo que repousava no fundo do vão era um corpo humano. Os restos esqueléticos de um monge, tal como indicava o hábito que trazia vestido. Ao lado, conseguia distinguir três volumes, envolvidos em velhas mantas poeirentas.

Estalou a língua um par de vezes e apagou a lanterna antes de voltar a descer pela estrutura metálica do andaime. Na melhor das hipóteses, aqueles achados paralisariam as obras por algumas semanas. A sua agenda voltava a sofrer alguns percalços. Sacudia o pó das mãos nas suas robustas calças de estilo militar (“a obras e escavações nunca se vai de saias”, conselhos das veteranas) quando ouviu atrás de si uma voz familiar. A de Ramón Sánchez, o presidente da Câmara, que acabava de entrar com o seu secretário. Pareciam discutir.

– Se não há feridos não é um acidente, Luis, – parecia enfatizar-lhe pacientemente – quando muito é um “incidente”, mas não um acidente, raios! Vejam se aprendem a usar a linguagem, que assim não ganho para o susto convosco.

A sua ira pareceu desaparecer quando distinguiu Nuria, rodeada de operários. Aproximou-se dela com um sorriso franco.

– Inspectora Rubio, é um prazer voltar a vê-la na nossa aldeia.

– Lamento ter mandado chamá-lo, senhor presidente. – Nuria apertou a mão que ele lhe estendia – , mas tinha de ser informado do sucedido.

– O importante é que não haja feridos entre os operários – disse ele para confirmar a informação que possuía.

– Oh, não. Foi uma derrocada parcial e para o interior do vão que tinha sido aberto. Aconteceu quando iniciávamos o saneamento da parte superior desta parede – disse, apontando para a divisão coberta de andaimes. – “Aquilo” que lá estava dentro, o entulho não poderia ter feito mal algum.

– Um corpo humano, aparentemente.

– Sim. Pelo que pude avaliar da plataforma superior parece o corpo

de uma pessoa vestida com um hábito. Um monge, talvez. Até retirarmos o cadáver não posso garantir. Junto ao corpo há mais três volumes. Não sabemos o que contêm.

– Poderão ser restos humanos? – inquiriu o presidente com um traço de inquietude.

– São demasiado pequenos para serem corpos inteiros – tranquilizou-o Nuria.

– Podem ser cadáveres esquartejados, senhor presidente – alvitrou o secretário.

Ramón voltou-se para ele fulminando-o com o olhar.

– Luis, vais-te embora imediatamente para a Câmara e esperas lá por mim. Até que eu acabe de falar com a inspectora Rubio.

O secretário deu uma volta sobre os calcanhares e saiu do templo em passos ligeiros. Não era boa ideia tentar mais a sua sorte. Quando Ramón o viu sair pela porta, voltou-se de novo para Nuria.

– Bem, numa igreja já se sabe – disse o presidente tentando retirar importância ao facto –, é normal encontrarmos restos de padres...

– Eu não disse que era um padre, eu disse monge ou frade – salientou Nuria. – E aquilo que encontramos não é um enterro mas sim um emparedamento. Não há nada de normal nisto, senhor presidente.

– Pois. Já ligaram à Guarda Civil? E ao tribunal? – Ramón preferiu sair do jardim em que tinha penetrado para começar a mover-se por territórios que conhecia melhor. – Teremos de içar o cadáver – comentou.

– Ouvi o seu secretário entrar em contacto com a esquadra de Argés. Também utilizou o telemóvel para ligar aos tribunais de Toledo. Um homem com uma imaginação incontida, porém, competente – disse Nuria tentando desculpar o atribulado funcionário.

– E o padre? Don Simón foi informado de tudo isto? – voltou a perguntar. Porque Ramón, apesar de ser socialista, e não ter voltado a comungar desde a Primeira Comunhão, sempre soubera manter uma óptima relação com a hierarquia eclesiástica da aldeia. A restauração da Igreja de São Filipe e São Tiago Apóstolo era quase um projecto pessoal seu. Conseguira levar por diante o financiamento, mesmo contra a opinião da Federação Socialista de Toledo que teria preferido ampliar o polidesportivo.

– Don Simón estava connosco quando a parede caiu – esclareceu Nuria. – Está neste preciso momento no seu escritório da sacristia a falar com o arcebispo.

– Certo, pois tudo indica que vamos ter um dia atarefado e que Cobisa se vai encher de gente. – Retirou do bolso das calças um *Motorola* de última geração e marcou um número da lista de contactos. – Luis – falava com o secretário – manda a guarda municipal cercar a igreja, quero uma patrulha

aqui o dia todo, e que não aconteça nada sem a minha autorização, da inspectora ou do padre. E, acima de tudo, não quero nenhum jornalista aqui dentro até termos preparado uma declaração. Cancela os meus compromissos para a semana toda e convoca uma assembleia para amanhã. Vou agora mesmo para a Câmara, não saias daí. – E desligou.

Ramón esfregou as mãos num gesto de satisfação mal disfarçada. Não calhava nada mal um pouco de acção numa aldeia tão tranquila e pequena como a sua. Na realidade, crises como esta tinham a capacidade de o tonificar e até rejuvenescer.

– Inspectora – disse dirigindo-se a ela com um sorriso radiante – terá de desculpar-me. Tenho de fazer umas chamadas e formar um pequeno comité para gerir este “incidente”. Conto com a sua colaboração, claro.

– Temo estar obrigada a isso, senhor presidente. – Ela também sabia sorrir como um político.

Foi um dia longo e duro, mas à meia-noite o regente municipal conseguiu, por fim, um acordo que parecia satisfazer todas as partes.

A parede falsa tinha-se revelado, finalmente, uma autêntica caixinha de surpresas. Dali saíram o corpo mumificado de um monge e três volumes de conteúdo surpreendente. O maior deles continha uma escultura multicolor da Virgem das Angústias, a padroeira da aldeia, que se julgava perdida desde a Guerra Civil. Por si só tinha pouco valor, fora realizada em fins do século XIX e doada à paróquia pela marquesa de Sonseca, antiga latifundiária. Don Simón trouxe, como prova irrefutável da autenticidade da imagem, fotografias antigas do arquivo da paróquia. Da análise pela improvisada comissão, restaram poucas dúvidas de que era a imagem desaparecida. Foi acordado por unanimidade que ficaria na Igreja de São Filipe e São Tiago, presidindo o altar da sua capela, como o tinha feito até ao desafortunado ano de 1936.

Aparentemente, a peça escultórica não tinha sofrido qualquer dano na sua clausura, uma vez que a parede dupla conseguira um efeito de câmara de isolamento seco e inalterável durante aqueles setenta e dois anos na sua clausura forçada. As obras mínimas de limpeza e restauração da talha foram executadas numa sala especialmente preparada para o efeito na Biblioteca Municipal, a ser realizadas por técnicos de conservação do Património da Comunidade. A inspectora Rubio calculava que as obras terminassem ao mesmo tempo que o restauro da igreja, em Outubro ou Novembro.

A reabertura da Igreja em todo o seu esplendor, terminadas as obras, teria um toque inesperado com o reaparecimento ao culto da imagem perdida da padroeira do povo, como se encarregou de assinalar o presidente



da Câmara a Don Simón e ao secretário do arcebispado, os quais se mostravam visivelmente satisfeitos com os acordos alcançados.

O segundo volume continha um livro. Na verdade, um manuscrito: *Navigatio Santi Brendani abbatis*, “A navegação do abade San Brendanus”. Na sua última página surgia datado o ano de 555 d.C. O seu estado era impecável, pelo que a inspectora do Património considerou, aparentemente com bom julgamento, que a peça teria de ser uma falsificação. Seguindo indicações de Nuria Rubio, ficou acordado que o livro seria levado para a Biblioteca Nacional de Madrid a fim de ser autenticado nos seus laboratórios que se julgava serem os mais avançados e fiáveis em Espanha.

Fosse qual fosse o resultado das suas análises, o *Navigatio* regressaria à aldeia. A localização final para a sua exibição seria deliberada de comum acordo entre a paróquia e a câmara.

A terceira descoberta não era menos surpreendente. Um frasco de vidro comprido com o gargalo selado por uma tampa de prata que continha uma enorme e nívea pena de ave e aquilo que parecia um finíssimo cabelo loiro. Um pedaço de papiro com uma inscrição em latim clássico pormenorizava o incrível conteúdo do receptáculo de vidro. Dizia assim: “Pluma e cabelo de anjo encontrados na entrada do Santo Sepulcro, ao terceiro dia da ressurreição e ascensão aos céus de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Nuria não conseguiu evitar um sorriso ao traduzir o texto. De repente, sentiu uma enorme curiosidade em relação ao monge. Se este tivera algo a ver com aqueles três volumes, ela teria gostado de o conhecer em vida, uma vez que deveria ter uma boa história para contar. Com a pluma do anjo, o secretário do arcebispo mostrou-se inflexível. A presumível relíquia deveria viajar para Roma para análise e autenticação, a realizar nos laboratórios do Vaticano. Com a maior discrição. Aos meios de comunicação informar-se-ia o aparecimento de uma possível relíquia, mas não se lhes forneceria pormenor algum sobre a sua natureza.

– A Igreja sofre vergonhas que baste às mãos dos seus inimigos, para ainda lhes darmos uma passadeira vermelha para nos atropelar – raciocinou o secretário com o apoio determinado de Don Simón. Ninguém se opôs.

O corpo do desafortunado monge foi enviado ao Instituto de Medicina Legal de Madrid, não sem que um juiz autorizasse o seu levantamento e trasladação para a capital, prevendo uma autópsia complicada e uma identificação, na melhor das hipóteses, complexa.

O presidente da Câmara tentou obter alguma informação do médico forense que tinha realizado a primeira autópsia ao cadáver *in situ*.

– Há quanto tempo acha que morreu? Foi morte natural ou violenta?  
– Quase o acossou com perguntas o dignitário municipal máximo.

– Deixo sempre a bola de cristal no laboratório. Já o informaram – foi a única resposta desabrida que conseguiu do forense.

Um imbecil, o médico, pensou Ramón. Não tinha compreendido o alcance das suas perguntas. Não eram perguntas gratuitas, uma vez que ele tinha um sexto sentido para farejar problemas quando ainda estavam a germinar.

– Bom, senhoras e senhores – disse o presidente da Câmara, elevando o tom de voz acima das conversas dos membros do precipitado gabinete de crise. – Parece que chegámos a um acordo mínimo que satisfaz todas as partes. Proponho que assinemos então a acta, e que marquemos uma conferência de imprensa, para o que a Câmara tem o prazer de oferecer o auditório da Biblioteca Municipal, já para amanhã.

Todos concordaram. A acta foi assinada e marcou-se a conferência de imprensa para o dia seguinte às dez da manhã, onde os membros da comissão responderiam a todas as questões que os amáveis rapazes da imprensa lhes quisessem colocar.

Ramón acompanhou todos à porta da Câmara despedindo-se com calorosos apertos de mãos, enquanto os *flashes* dos fotógrafos e os focos das câmaras de televisão os iluminavam.

Todos os membros da comissão reflectiam o esgotamento e o cansaço de um longo dia nos seus rostos. Todos menos o presidente, que parecia em plena forma, enquanto lia um esborreado comunicado convocando os meios de comunicação para lhes fornecer ampla informação acerca do sucedido numa conferência de imprensa no dia seguinte.

Guardou o papel num bolso do casaco e dedicou a todos um dos seus melhores sorrisos. Sorria-lhes de verdade. Amanhã, Cobisa, a sua aldeia, seria primeira página em todos os jornais e notícia de abertura de todas as emissoras e canais de televisão.

Cobisa estaria nas bocas do mundo em todo o país durante os próximos dias. A aldeia, a Igreja de São Filipe e São Tiago, o monge, a Virgem das Angústias, o livro e a pluma de anjo. Era uma pena faltarem quase três anos para as próximas eleições, pensou depois de saudar pela última vez os meios de comunicação e fechar a porta da Câmara.

## CAPÍTULO II

O PROFESSOR SEBASTIAN CAMERON EM MADRID, 7 DE JULHO DE 2009

Capita II. N.S.B.a. *Brendanus jejua por sete dias, reúne os seus monges e comunica-lhes a sua decisão: partirão em viagem em busca da Terra Repromissionis Sanctorum.*

O segurança da Biblioteca Nacional de Madrid verificou a carteira profissional de investigador que aquele homem com aspecto de estrangeiro lhe tinha mostrado como identificação no controlo da entrada. Sebastian Cameron Coe foi o nome que leu. Inglês ou americano, apostou consigo mesma. O tipo sorriu-lhe. Americano, concluiu, os ingleses nunca tentam estabelecer uma ligação tão descaradamente.

Olhou para a fotografia da pequena carteira profissional para confirmar que o tal Sebastian era a mesma pessoa que tinha diante de si. Sexo masculino, cinquenta e poucos anos, vestido com calças cor camel, camisa imaculadamente branca que fazia sobressair o seu ligeiro bronzeado, e um casaco azul-marinho daqueles que os jovens usam no Verão.

Um americano muito europeizado, daqueles que viajam habitualmente para o Velho Continente. O tipo não tinha mau aspecto, concedeu enquanto retirava de uma gaveta a sua folha muito engomada do controlo de visitantes. Num cuidado ritual, enquanto perscrutava o rosto do visitante, começou a descolar o autocolante de cor amarela que o identificaria como *leitor* dentro das salas da biblioteca. O americano ainda conservava boa parte do seu cabelo, misturado com cãs, mas isso conferia-lhe um aspecto interessante. Tinha uns bonitos olhos azuis, um olhar profundo e sabia sorrir às mulheres.

Não era gordo, parecia flexível e em boa forma. Esteve tentada a insinuar-se a ele. Não era casado, os casados cheiram ao longe. Além disso, nunca o tinha feito com um gajo de mais de trinta e cinco anos. Mas na

manhã seguinte iria de férias para a Grécia com a Yoli e prometera a si mesma nunca comer ninguém no primeiro encontro. Azar, a vida era um jogo de cartas muito rápido. Entregou-lhe o autocolante com um esgar de contrariedade.

– Obrigado – disse cortesmente o visitante, enquanto colocava disciplinadamente o autocolante na lapela. Esteve tentado a insinuar-se, mas algo no brilho dos olhos da pequena lhe disse que o instante de magia tinha passado e que ela já tomara a sua decisão. “O bom e o mau de ter cinquenta e cinco anos”, pensou, “é que somos capazes de visualizar perfeitamente os dois minutos seguintes de uma cena de caça”.

Sebastian Cameron subiu as escadas de pedra do monumental *hall* da Biblioteca Nacional na direcção da Sala de Cartografia Antiga.

A confortável climatização do edifício devolveu-lhe imediatamente o seu bom estado de ânimo.

Era agradável voltar a estar em Espanha e em Madrid. Acima de tudo quando se era um hispanólogo de prestígio internacional, como ele.

Tinha estado prestes a recusar o trabalho. Parecera-lhe ridículo e, até certo ponto, humilhante. Era doutorado por Harvard em História de Espanha e catedrático de Filologia Hispânica em Boston, onde residia a maior parte do ano. Teve uma vontade irreprímível de desligar o telefone à senhorrta que lhe ligara para o seu escritório na universidade há quase um par de meses. Chamava-se Kelly Lamar, ou Lamarca, julgava recordar, e representava a Disney. Após muitos “seria uma honra”, “a sua brilhante carreira”, “o seu domínio do século XVI”, fez-lhe a proposta: assessor histórico do próximo êxito da produtora: *Piratas das Caraíbas 4*. O seu dedo dirigia-se à tecla, decidido a desligar, quando a amabilíssima executiva deslizou a cifra dos seus honorários, duzentos mil dólares. “Despesas de viagem e alimentação serão por nossa conta, naturalmente.” “Dêem-me um dia ou dois para pensar” foi a sua resposta, apressada, antes de sofrer um bloqueio cerebral.

– Pai, não podes recusar. – A sua filha Barbara, vinte e dois anos, estudante do último ano de Direito em Boston, fria, pragmática e brilhante, como a mãe.

– Mas, Barby, querida, é gente do cinema, não tenho uma reputação como a que tenho para a arruinar por um filme de piratas vestidos de Carnaval do Rio.

– A reputação não paga facturas, pai. Dezenas dos teus colegas tesos matariam para trabalhar para uma das *majors*. São duzentos mil biscoas, por amor de Deus! Podes comprar um *Porsche* como o teu reitor. E ainda vai sobrar uma pipa de massa para fazer um monte de loucuras!

Teve de reconhecer que o *Porsche* do reitor foi um argumento de peso. Demolidor e definitivo.

– Pai, tens cinquenta e cinco anos, és viúvo, e estás a transformar-te num aborrecido professor universitário da muito aborrecida cidade de Boston. Aceita esse maldito trabalho e diverte-te por uma vez na vida – sentenciou. – E não voltes a chamar-me Barby, sabes que não o suporto. – E desligou.

Sorriu ao recordar a conversa com a filha, enquanto tamborilava com os dedos sobre o tampo inclinado da sua mesa com os dedos cobertos por finas luvas de algodão, como exigia o protocolo de consulta da Sala de Cartografia Antiga da Biblioteca Nacional de Madrid.

Tinha feito bem em aceitar o trabalho da Disney. Na realidade, umas maravilhosas férias pagas em Espanha. Tinha pedido dois meses de trabalho de campo à produtora, Julho e Agosto, para não interromper as suas aulas de Boston. Não havia problema algum. Esperavam o seu relatório em Setembro.

Por seu turno, os produtores enviaram-lhe extensa documentação sobre o filme. Tinha o guião, além de um minucioso *shooting* com cuidadas vinhetas em *full colour* de cada plano do filme, ilustrações de todos os galeões espanhóis e barcos-pirata envolvidos nas cenas de acção, além dos desenhos do vestuário das personagens. O seu trabalho como consultor consistia, basicamente, em impedir que o filme fosse uma total aberração histórica. Os críticos de Hollywood sentiam-se especialmente sensíveis aos pontapés na História que as grandes produtoras americanas costumavam dar nos seus filmes.

A primeira leitura do guião não o alarmava em demasia. Além de uns diálogos impossíveis para o século XVI, a acção decorria com certo respeito pela época na qual se desenrolavam os factos. As maquetas dos barcos em três dimensões deveriam sofrer alguns retoques e o vestuário teria de ser completamente redefinido. Tinha informação suficiente nos seus arquivos de Boston para desenvolver o trabalho em duas semanas sem sair do seu escritório na universidade.

Mas não pôde resistir a realizar uma viagem a Espanha, por puro prazer, para justificar os tão dispendiosos honorários do seu contrato. Além disso, a Disney parecia encantada com o facto de ele ir desenvolver o seu trabalho de campo no país que dominara os mares das Caraíbas. Na realidade, o seu estudo em Espanha daria credibilidade ao relatório que teria de lhes fazer chegar em Setembro.

Assim, todos ficavam contentes.

O ícone tremeluzente que lhe anunciava a entrada de uma mensagem de correio electrónico fê-lo desviar o olhar para o ecrã do seu portátil. Pressionou algumas teclas para descobrir a identidade do emissor. “Nuria Rubio”, sorriu ao ver o nome. Duas semanas antes da sua chegada a Madrid tinha desempoeirado velhos endereços de correio electrónico para entrar

em contacto com amigos e colegas em Espanha. Nuria Rubio tinha sido sua aluna há dez anos em Boston. Estava lá com um bolsa Fullbright a fazer um doutoramento em História do Império Espanhol num curso leccionado por ele. Era jovem e brilhante. A empatia surgira rapidamente entre eles até sedimentar uma boa amizade. Tinham sido tão amigos quanto a rígida moral bostoniana permitia entre um professor, que na altura tinha quarenta e dois anos, e uma bolsista de vinte e três.

Não tinham perdido o contacto desde então. A verdade é que a Internet substituíra com êxito e maior eficácia as relações epistolares do passado. Nuria voltou anos mais tarde aos Estados Unidos já casada, e ficou hospedada na casa do então casado Cameron durante uns dias. Entre o professor e a aluna tinha-se estabelecido um vínculo paterno-filial firme e estável, sabiam quase tudo um do outro.

Abriu a mensagem.

“*I’ve a pirate treasure and I want to show you*”<sup>1</sup>, leu. Numa fracção de segundo ocorreram-lhe mil respostas obscenas que descartou no nanossegundo seguinte. Digitou uma resposta rápida em espanhol: “Desconhecia a existência de um mar em Toledo, piratas de água doce, suponho.”

– Os seus mapas, professor Cameron – disse o homem da bata branca em voz baixa para não incomodar os demais leitores da sala, enquanto deixava em cima da mesa três cartas náuticas do século XVI protegidas por invólucros de plástico.

Cameron agradeceu-lhe com um sorriso aberto. O envio de resposta tremeluziu no ecrã. Abriu a nova mensagem.

“Hoje às 13:05 na Biblioteca Nacional de Madrid. Não temos muito tempo.” Olhou para o relógio digital, eram 13:04. Sorriu outra vez e digitou novamente: “Estou na Biblioteca Nacional de Madrid. Despacha-te ou chegarás atrasada.” A resposta não se fez esperar: “Estou atrás de ti.”

Virou-se e viu a cabeça e o esplêndido sorriso de Nuria, três secretárias atrás, sobressaindo da tampa aberta do seu portátil enquanto o saudava alegremente com a mão esquerda.

Saíram da biblioteca e acomodaram-se nas mesas à sombra dos plátanos centenários de um terraço da Castellana. Ele pediu vinho, ela um *Earl Grey* com gelo, o seu chá preferido.

– Porquê Toledo? – perguntou-lhe enquanto servia o segundo copo de *Rioja*.

– Porque em Toledo defendi a minha tese e porque é uma cidade maravilhosa para viver – respondeu compondo outra vez um dos seus sorrisos perfeitos.

---

<sup>1</sup> Tenho um tesouro pirata e quero mostrar-te.

- Estás muito bonita – reconheceu. – Estás a ter um caso?
- Estou grávida. De dois meses. Todas as grávidas ficam mais bonitas. É como uma luz interior – parecia divertir-se com ele.
- Oh, deuses, a realidade é sempre devastadora. – Fingiu estar desolado. – Invejo o teu marido.
- Eu também, ganha o dobro do meu salário e trabalha metade.
- Riram os dois.
- Não tentes seduzir-me, duplo C, tiveste a tua oportunidade.
- Mulher do diabo, eu ainda estava casado e tu eras praticamente menor de idade. – Sorriu. Gostava que Nuria lhe chamasse duplo C, a sua velha alcunha da universidade, devido aos dois apelidos que começavam pela mesma letra. Fazia com que se sentisse jovem.
- Sempre foste um perfeito cavalheiro bostoniano – disse-lhe enquanto levantava o seu grande copo de *Earl Grey* com gelo, em jeito de brinde.
- Sim, o meu cavalheiro bostoniano persegue-me como um fantasma. A espantar as damas.
- Não vou sentir pena de ti, professor Cameron Coe. Estás preparado para ouvir a minha história?
- Preparado e pronto. Estou impaciente. Deve ser muito boa.
- Podes apostar nisso – disse-lhe bebendo o seu chá gelado.

Quando Nuria acabou de lhe contar o sucedido na Igreja de São Filipe e São Tiago, Cameron deu por terminado a sua *trasfega de Rioja* e pediu um café duplo e bem forte.

- Presumo que tudo o que aconteceu nessa aldeiazinha minúscula a sete quilómetros de Toledo é verdade. E faço-o porque não provaste o vinho, és minha ex-aluna e deves-me algum respeito.
- Não tinhas visto na Internet? Foi realizada uma conferência de imprensa no dia seguinte, havia tantos jornalistas como num Madrid-Barcelona. – Cameron esboçou uma expressão de estranheza. – Uma final da Super Bowl – esclareceu Nuria e o professor assentiu, compreendendo então.
- Falou-se do cadáver encontrado, da escultura da Virgem, do *Navigatio* e de uma presumível relíquia por comprovar. O arcebispado preferiu abafar os pormenores da pluma e do cabelo de anjo. A notícia do códice esteve em todos os fóruns universitários. Por Deus, Sebastian, um *Navigatio*, mesmo que seja falso, não aparece todos os dias.
- Viajei muito no mês passado. Não pude ligar-me à Internet – mentiu. – E já sabes que não tenho tempo para ler jornais. Nós, historiadores, só lemos documentos antigos, a actualidade não nos interessa até ser história. Mas de qualquer forma, querida, porque me contaste tudo isto?

– disse-lhe, olhando-a nos olhos enquanto remexia com uma colher o seu café bem forte.

– Porque isto é o mais estranho que já me aconteceu na vida. Porque acredito que nada acontece por acaso. E porque apenas conheço uma pessoa no mundo que me pode explicar que relação pode haver entre a múmia de um monge, a Virgem das Angústias, uma falsificação do *Navigatio Sancti Brendani abbatis* e a pluma e o cabelo de um anjo.

– Presumo que consideras que essa pessoa sou eu – disse Cameron, num tom de quase pesar.

– Bingo.

– Tenho de reconhecer que parece mais excitante que o trabalho actual para a Disney e os seus *Piratas das Caraíbas* não sei das quantas. – Bebeu um gole do seu café tranquilamente. – A verdade é que tenho trabalhado arduamente nestes dias e consegui adiantar muita documentação. – Mentiu uma vez mais, sem pudor. – Poderia dedicar-me uns dias a estudar o conteúdo do teu armazém de múmias, virgens, falsificadores e plumas. Mas adianto-te de que estou convencido que o resultado da minha investigação será decepcionante.

– Vais fazê-lo? – Os seus olhos pareceram iluminar-se de repente.

– Fá-lo-ia se soubesse por onde começar.

Nuria sacou de um bloco de notas da sua volumosa bolsa e começou a escrever.

– Marta Larripa, directora de Autenticação e Conservação de livros antigos da Biblioteca Nacional: é muito minha amiga, está à espera do teu telefonema neste número. Tem o *Navigatio*. Alejandra Recasens, subdirectora do Anatómico Forense: é baixa, gorda e feia, mas adora-me porque a apresentei ao seu último namorado. Tem a múmia, já lhe adiantei que irias entrar em contacto com ela. Don Simón, o pároco de Cobisa, lembra-te? Tem a imagem da Virgem e está deseioso de te conhecer. A pluma do anjo está no Vaticano. – Seguidamente, Nuria guardou silêncio.

– Não tens contactos em Roma, nunca poderemos resolver o quebra-cabeças. Fim da história – resumiu Cameron.

– Em Roma está o teu irmão, o embaixador. Ele pode abrir-te as portas do Vaticano.

– O mandado dele termina este ano – respondeu-lhe quase rudemente. Nunca tinha conseguido suportar o seu irmão, nem que as mulheres tivessem resposta para tudo, como coelhos na cartola.

– Então tens uma boa desculpa para viajar para Roma antes de terminar o ano.

Tinha-se esquecido que as mulheres, além do mais, tinham sempre a última palavra.



...

Cameron levou-a no seu automóvel até à estação da AVE. A produtora pusera ao seu dispor um potente *Audi A6* para as suas deslocações.

– Confirma-me o dia em que vens a Cobisa. Nesse dia comes lá em casa. O “invejado” está desejoso de voltar a ver-te – pediu-lhe antes de lhe dar um beijo de despedida.

– Serei um convidado civilizado, vou levar-vos doces da região – prometeu.

Despediram-se no *check-in* do comboio. Quando chegou ao estacionamento para retirar o seu veículo, Cameron deu-se ao trabalho de remover do pára-brisas aquilo que parecia ser um folheto publicitário. Estava prestes a deitá-lo nolixo quando um círculo vermelho pintado no papel lhe chamou à atenção e sucumbiu ao chamamento do marketing. Desdobrou o folheto. Na realidade, era uma fotocópia de uma página do jornal diário *ABC*. Classificados da secção imobiliária. Leu o texto emoldurado por uma elipse de marcador vermelho: “Arrenda-se casa senhorial e histórica em pleno centro. Pertenceu a Don Viriato Restrepo, inventor do molho das batatas bravas. Só a cavalheiros muito cavalheiros. Cobra-se adiantado. Mostra (o andar): Mariló Serrano.” Terminava com um telefone de contacto.

Achou piada. Era um anúncio estranho, dentro de um dia cheio de histórias estranhas. Guardou-o no bolso do casaco.

## CAPÍTULO III

### O NAVIGATIO

Capita III. N.S.B.a. *Brendanus elegerat catorze monges; todos se retiraram para orar durante quarenta dias nas montanhas de Galway. Jejuam e mortificam-se para preparar os seus corpos e as vontades para a grande prova que os aguarda.*

O gabinete de Marta Larripa, no último andar da Biblioteca Nacional, era um lugar agradável para se trabalhar. De tectos altos, respondendo ao gosto da época em que fora construído, bem iluminado pelas suas amplas janelas e com muitas plantas, próprio das pessoas que têm o ânimo sereno.

Além do mais, a titular do gabinete presenteava as suas visitas com um café magnífico. Uma curiosa mistura de *colômbia* e *turco* que a própria Marta preparava num forninho.

– É proibido. O forninho – esclareceu – O café ainda é permitido num país onde cada vez mais nos permitem ter menos vícios. Este Governo está empenhado em que acabemos por deixar cadáveres esquisitos.

– Não se mortifique. Toda a Europa está a copiar o pior do *way of life* americano; não pretenda que os seus governantes sejam mais originais que os outros.

Deram-se bem de imediato. Falaram de temas triviais e de política. Do calor opressivo de Madrid e das alterações climáticas. Do quão belo era aquele edifício onde trabalhava, embora o convidado reconhecesse que qualquer pedra com mais de cem anos surpreendia sempre um americano, e da sua comum amizade com Nuria.

– Conheceram-se na América, não foi?

– Foi minha aluna bolsista Fullbright. Uma das melhores – reconheceu com certo orgulho.

– Muito bem, e agora voltaram a ver-se em Espanha e o senhor parece interessado no *Navigatio* que apareceu nessa diminuta aldeiazinha de Toledo.

– Na verdade, considero-me um executor dos interesses da sua amiga – respondeu-lhe, enquanto consumia a sua chávena de café. – Mas, para ser sincero, estou disposto a reconhecer que sinto uma certa curiosidade por todo este assunto. O seu *Navigatio* parece-me um elemento surpreendente dentro de uma história aparentemente sem muito sentido. O que descobriu até agora sobre o manuscrito?

– É uma falsificação – respondeu, sem pestenejar.

– É mesmo isso que pensa a nossa amiga comum. Receio que não tenhamos caso, então. – De certa forma lamentava-o. Não iria ter tempo para tomar uma segunda chávena daquele insuperável café.

– O códice não tem mais de setenta ou oitenta anos, no máximo. Muito longe dos 1453 anos que pretende a data da última página.

– Uma cópia tosca de algum *Navigatio*, devemos supor.

– É precisamente aí que começam os problemas, professor Cameron. Não é tosca nem é cópia.

– Quero vislumbrar um último resquício para a aventura graças ao seu último comentário – disse-lhe, sentindo-se feliz por isso. – Aceito outra chávena do seu memorável café para continuar a ouvi-la sem perder o mais ínfimo pormenor.

Marta também parecia divertida com o americano.

– Não é tosca, porque a pessoa que falsificou o documento se deu a grandes trabalhos para o fazer – continuou, enquanto depositava com cuidado a cafeteira em cima do forninho depois de o servir. – E não é cópia – disse-lhe, olhando-o nos olhos – porque em nada se parece com nenhum dos *Navigatios* conhecidos.

– Podia dosear a informação, por favor?

Marta, num salto ágil, sentou-se em cima da secretária do seu gabinete à frente dele, cruzando graciosamente as pernas nas suas calças de ganga justas. Ele gostou das suas sandálias, dos seus pés morenos e das suas unhas pintadas de cor de vinho. Tentou voltar a concentrar-se na conversa.

– Começaremos pela estrutura externa do livro. As suas capas são de pele de novilho, *Angus Íris*, a raça mais antiga da Irlanda.

– San Brendanus ou San Borondón, como vocês lhe chamam, era irlandês – recordou Cameron, em voz alta. – Todas as capas de fac-símiles de quinhentos eram confeccionadas em pele de animal adulto para garantir a sua rigidez e a protecção das páginas interiores. É um pormenor significativo que o falsificador usasse couro de um animal irlandês. Suponho que em algum momento planeou apresentá-lo como um códice primitivo, tendo em conta que as primeiras cópias do *Navigatio* foram escritas na Irlanda. Um tipo cuidadoso, o nosso impostor.

– Nem pode imaginar a que ponto. – Reconheceu Larripa – Pedi uma

análise à pele de bezerro. Corresponde a um animal puríssimo, um raro exemplar de raça primogénita. Estou a pedir informações ao Ministério da Agricultura irlandês, a tentar localizar o rasto de um rebanho destas características no seu país. Ainda não obtive resposta.

– Que produtos químicos utilizou para o seu envelhecimento? – perguntou Cameron.

– Outra incongruência para uma peça falsificada. Não há rasto de produtos químicos. O documento não foi submetido a nenhum tratamento de envelhecimento artificial.

– Paginação?

– Pele de vitela, de animal muito jovem. Angus Iris, como nas capas, e com a mesma pureza genética. Todas as páginas foram tratadas com um processo artesanal, submergidas em solução de cal, raspagem minuciosa de pele de ovelha em ambas as faces, desgastadas com pós de pedra-pomes, cortadas, pregadas em *quatermiones* e cosidas ao estilo romano.

– Escrita?

– Manuscrito, latim clássico, estilo caligráfico da época. É o traço mais rápido que já vi numa impostura. O tipo escrevia com a destreza de um monge do século VI. Até sabemos que o escreveu com pena de ganso devido aos restos microscópicos que encontramos nos rasgos da vitela.

– Suponho que a falha esteja na tinta – arriscou Cameron, abismado por tanta perfeição.

– Não é nenhum tipo de tinta química industrial. – A conservadora negou com a cabeça. – É uma fórmula magistral de sais de ferro, noz de galha e resinas naturais. Tal como se fabricava a tinta no século VI.

– Não é possível um eventual erro nos resultados da datação? – O professor começava a duvidar.

– Três testes do carbono 14, em três laboratórios distintos. O nosso *Navigatio* não tem mais de oitenta anos. Teve de ser confeccionado entre 1930 e 1940. E já estou a dar uma margem de erro muito ampla.

– Na sua opinião?

– Foi escrito entre 1935 e 1936. O tipo demorou quase um ano a terminá-lo, sei-o pelas idades da secagem da tinta. O falsificador escreveu-o no mesmo tempo que levaria um monge do século VI para um documento de paginação semelhante.

Houve um silêncio entre ambos. Os segundos de que Cameron necessitou para assimilar aquela torrente de informação incongruente. Para seu próprio bem, rejeitou a hipótese de retirar conclusões, por enquanto.

– 1936 é muito distante do século VI – sintetizou a sua estupefacção. – Por todos os pormenores que me ofereceu, tenho de admitir, tal como me

advertiu no início da sua exposição, que não nos encontramos perante uma falsificação tosca de um *Navigatio*.

– Eu também disse que não era uma cópia – recordou com um sorriso resplandecente.

– Estou preparado para que continue a surpreender-me – disse, sem no entanto estar muito seguro do que manifestava.

– O primeiro *Navigatio Sancti Brendani abbatis* conhecido surge no século VIII, dois séculos após a morte do seu suposto protagonista, San Borondón ou Sanctus Brendanus, como preferir. Com o tempo, o *Navigatio* converteu-se num verdadeiro *bestseller* da Idade Média. Foram escritos três manuscritos no século X, catorze no século XI, vinte e três no século XIII, dezanove no século XIV e vinte e oito no século XV. Conhece a estrutura original da obra?

– Vinte e nove *capita*, nos quais se narra a fantástica viagem do abade Brendanus como catorze dos seus monges, embarcados numa frágil *curragh*<sup>2</sup> até à *terra repromissionis sanctorum*, o paraíso terreno. – Cameron também se tinha preparado para a reunião com a alta funcionária. – O *Navigatio* – prosseguiu – aglutina tradições diversas, embora no texto predominem os elementos célticos, por vezes contaminados pelo cristianismo incipiente, e outras em estado mais puro. Poderíamos dizer que, sob um subtil verniz cristão, o relato possui contudo uma estrutura essencialmente pagã. Definitivamente, encontramos-nos mais perante um relato de aventuras do que perante a narração de uma viagem espiritual.

Cameron deu um gole na sua chávena de café, enquanto a observava com uma expressão divertida.

– Espero tê-la impressionado.

– Impressionou – reconheceu Marta. Num ágil salto, desceu da secretária, abriu uma das suas grandes gavetas, retirou um documento volumoso encadernado em espiral e entregou-o ao seu convidado.

– Isto é uma cópia do *Navigatio* encontrado em Cobisa. Mandei digitalizar e imprimir com qualidade. Gostaria que o lesse na íntegra e sentir-me-ia honrada se depois comentasse comigo as suas impressões.

– Conte com isso, desde que no nosso próximo encontro intervenha uma das suas cafeteiras.

Marta acompanhou-o à saída. Despediram-se no amplo *hall* de entrada da biblioteca, junto à monumental estátua de Menéndez Pelayo,

---

<sup>2</sup> *Curragh*: embarcação tradicional irlandesa já citada por Plínio e Júlio César. Construída com uma armação de madeira revestida de peles de bovino e calafetada com alcatrão ou gordura animal.

banhados pela cálida luz do entardecer que a grande clarabóia que se erguia a quinze metros das suas cabeças deixava passar.

– Quero adiantar-lhe que este *Navigatio* tem muito pouco a ver com o *Navigatio* que conhecíamos até agora.

– Estou impaciente por começar a lê-lo. – Não estava muito seguro disso, mas, naquele momento, pareceu-lhe um bom cumprimento para a sua anfitriã.

– E também quero adiantar-lhe a última brincadeira do nosso falsificador: o relato está assinado pelo presumível autor, na última página. Assinado por um Mobi Broen Finn.

– Não conheço esse autor – admitiu Cameron.

– Mobi Broen Finn é o nome irlandês autêntico de San Borondón.

## CAPÍTULO IV

### A MÚMIA DO MONGE

Capita IV. N.S.B.a. *Os anjos ajudam Brendanus a desenhar os planos da embarcação, uma curragh a ser fabricada nos estaleiros de Galway.*

Cameron não tinha dormido bem na noite anterior. Agradeceu o ar da rua, embora fosse ar aquecido pelo asfalto de uma rua de Madrid em pleno mês de Julho.

A reunião com Marta Larripa tinha-o afectado mais do que ele desejava. Tinha chegado a sentir uma certa opressão no gabinete da subdirectora da secção de Livros Antigos da Biblioteca Nacional. Não por Marta, que era uma loira encantadora com uma relação impecável com as suas calças de ganga. Era uma pena que, tal como à maioria das loiras encantadoras às quais umas calças de ganga assentam como uma luva, tivesse namorado. Talvez por isso tivesse recusado o seu amável convite para jantar.

Após a reunião com a bibliotecária, tinha chegado a duas conclusões. A primeira era que não poderia seduzi-la nem ter uma aventura com ela. A segunda era que começava a sentir uma certa vertigem em relação àquela história toda.

O seu estômago tinha uma estranha relação consigo. Quando queria avisá-lo de que algo mau estava prestes a acontecer-lhe, contraía-se-lhe as vísceras. Nunca falhara. Era como um sexto sentido. Sentiu a sensação de angústia no estômago assim que saiu da Biblioteca Nacional. Tinha guardado a cópia do *Navigatio* no cofre do seu quarto de hotel.

Não planeava lê-la, por agora. Embora desejasse fazê-lo. Parecia mergulhado num absurdo conflito interior, mas acabava de decidir que não encetaria a leitura do manuscrito até ter mais informação sobre os restantes elementos encontrados na parede falsa da igreja de Cobisa.

E continuar a acumular informação passava por realizar a sua segunda visita da agenda, marcada por Nuria. Tinha um encontro com a médica forense Alejandra Recasens. “Baixa, gorda e feia”, recordou a descrição da sua antiga aluna. Quase deu graças, dado o decaimento total dos seus dotes de sedução.

Introduziu o endereço no GPS do seu *Audi* e, rapidamente, o seu destino surgiu no mapa de navegação. O Instituto Anatómico Forense situava-se na Cidade Universitária de Madrid, integrado no complexo que formava a Faculdade de Medicina. Apenas teria de seguir as instruções da voz feminina encerrada num *microchip* de silício para chegar ao seu destino. Quinze minutos mais tarde, Cameron estacionava o seu imponente *Audi* no parque privado do instituto, após ter-se identificado como uma visita da doutora Recasens, subdirectora da entidade.

Fizeram-no passar por uma sala de espera impessoal. Pareceu-lhe um local apropriado para uma instituição de medicina legal. Sem nenhum pormenor decorativo que convidasse a sentimentos ou emoções, tal como a matéria-prima com que trabalhavam os seus inquilinos.

Distraía-se folheando as páginas de um manuseado número antigo da *Hola*, quando uma mulher entrou na sala. Não pôde evitar fixar o olhar nela. Trinta e poucos anos, morena, com um aspecto físico que impunha a sua presença. Um bonito sorriso e uns lindos olhos castanhos que prometiam conversas inteligentes. Cameron também julgou ver num relance a cauda de um tigre.

Levantou-se como uma mola ao ver que lhe estendia a mão.

– Professor Cameron, suponho – disse-lhe, jovial.

– Sim, estou à espera de ser recebido pela doutora Recasens – respondeu, enquanto a olhava fixamente. Mais cinco segundos e deixava de ser um olhar cortês.

– Pois já, estou a recebê-lo. Sou a doutora Alejandra Recasens Trueba.

– Parecia divertida.

– A senhora? – Não pôde reprimir uma expressão de surpresa.

Os olhos da doutora brilharam e o seu sorriso perfeito pareceu crescer.

– Sim. – Pareceu decifrar a confusão do seu visitante. – “Baixa, gorda e feia”, a descrição preferida da Nuria em relação à minha pessoa. Devia fazer picanálise, essa brincadeira esconde algum trauma infantil.

– Não lhe faz justiça alguma, realmente. – O olhar já não era cortês.

– Se me devolver a mão, poderemos caminhar de forma muito mais natural até ao local onde pretendo que tenhamos a nossa entrevista, professor Cameron. – Continuava a sorrir-lhe com naturalidade. A doutora Recasens devia estar habituada a causar uma forte impressão nos exemplares heterossexuais do sexo oposto.



– Oh, desculpa – disse soltando-lhe a mão como se tivesse recebido um choque eléctrico. – A Nuria sempre teve um estranho sentido de humor. Não esperava...

– Não se preocupe. A si descreveu-o como um velho decrépito. Também não lhe fez justiça. – Alejandra quis aliviar um pouco o seu sofrimento.

– É muito amável, mas receio que a minha descrição esteja muito mais próxima da realidade do que a sua. – Pensou, com certa angústia, que deveria estar prestes a corar como um colegial. Amaldiçoou a natureza por manter níveis tão aceitáveis de testosterona em homens acima dos cinquenta.

A doutora cruzou graciosamente os braços, o que realçou ainda mais a sua figura.

– Que lhe parece se encerrarmos o capítulo das apresentações e dos piropos e trabalharmos um pouco?

– Será o mais conveniente – respondeu o professor. – Sou hipertenso.

– Acompanhe-me – disse, girando graciosamente sobre os calcanhares e começando a andar.

– Vamos ao seu gabinete? – perguntou, enquanto se punha à sua altura.

– Não. Vamos ao laboratório de Antropologia Forense. Preparei uma câmara para os três.

– Os três? – perguntou, sem compreender.

– O senhor, a múmia e eu.

Tiveram de trocar de roupa antes de entrar na câmara. Batas brancas, coberturas plásticas para os sapatos, gorros do mesmo material para os cabelos e máscaras. – É uma área esterilizada, os cadáveres mumificados são delicados, explicou-lhe a doutora.

A câmara era um habitáculo composto por painéis, amplo, bem iluminado e ventilado artificialmente. Na marquesa de alumínio repousava o corpo do monge, despido.

– Foi encontrado assim? – perguntou Cameron.

– Não. Vestia um hábito de monge e calçava sandálias. Despimo-lo para realizar a autópsia. O nosso frei revelou-se uma autêntica caixa de surpresas.

– O que quer dizer exactamente? – O professor americano começou a sentir uma ligeira sensação de *déjà-vu*.

– Importa-se se gravar esta conversa? – disse, retirando um pequeno gravador da bata, enquanto o manipulava até acender um diminuto *led* de cor vermelha.

A doutora Recasens começou a falar para o gravador, dando-se por

autorizada a fazê-lo, anunciando a data e a hora da gravação. Também identificou o professor Cameron da Universidade de Boston como testemunha do relatório. Mencionou a data de entrada do cadáver no instituto e a sua proveniência.

– Bom, agora vou relatar-lhe, senhor Cameron, tudo o que este corpo me contou, ao qual, a partir de agora, chamaremos “*Cobisa Um*”.

Sebastian observava-a atentamente.

– Sexo masculino, caucasiano, 28 anos, um metro e setenta e dois de estatura. No momento da morte, estava abaixo do peso indicado para a sua compleição. Da análise dental, óssea, muscular e às vísceras podemos concluir que não se encontrava em muito boa forma. Ao longo da sua vida, tinha sofrido severos jejuns e constantes privações. A escoliose da sua coluna vertebral e a análise à pele falam-nos de muitas noites e dias vividos e dormidos ao relento. No interior do seu antebraço esquerdo, observamos uma espécie de tatuagem...

– Uma tatuagem? – interrompeu Cameron.

– Na verdade, está mais próximo de ser uma escarificação – esclareceu a doutora. – Pequenas incisões na pele nas quais se introduziu uma mistura de tinta e cinzas. As gravações parecem formar palavras. Tirámos fotografias dessa parte do braço, tratei as imagens e enviei-as para a linguística. Quer dar uma olhadela?

Cameron assentiu acenando com a cabeça. A doutora abriu um portátil que tinha numa mesa de apoio atrás de si e, com agilidade, procurou a pasta que continha as imagens do braço tatuado. Mostrou-lhe no ecrã os resultados do último processo de tratamento fotográfico. Com efeito, aquelas toscas escarificações na pele do monge, semelhante a um pergaminho, convertiam-se agora em traços nítidos. E aqueles desenhos pareciam formar palavras e frases numa língua estranha.

– Aramaico – murmurou o historiador sem conseguir ocultar a sua surpresa.

– O senhor compreende aramaico? – A forense também parecia surpreendida.

– Não – admitiu – mas reconheci a grafia. É aramaico.

– Bom, se é uma língua conhecida, os meus peritos traduzi-la-ão. – A doutora tinha recuperado a sua avassaladora segurança. – Dentro de alguns dias, saberemos o significado dessas palavras.

– Um monge cheio de surpresas – salientou o americano.

– De qualquer forma, era um tipo curioso – reconheceu a doutora.

– Porque estava mumificado? – Talvez aquilo fosse uma pista.

– A parede falsa da igreja criou uma autêntica câmara de isolamento. Durante toda a sua reclusão, setenta e dois anos, o cadáver suportou uma

atmosfera extremamente seca e uma temperatura constante. As condições ideais para mumificar um corpo.

- Não houve processo químico, então.
- De todo. A sua mumificação foi completamente natural.
- Morreu emparedado?
- Não. Quem o colocou no vão da parede colocou-o já cadáver.

O professor americano compôs uma expressão de incompreensão e de estranheza.

– Contudo, não morreu de morte natural. O nosso monge teve uma morte violenta. O alcaide de Cobisa interessou-se muito neste ponto.

– Teme que haja assassinos nonagenários na sua aldeia?

– Não creio. Mas parece preocupado com os protocolos da recente Lei de Memória Histórica. Não parece muito entusiasmado com a ideia de ter sido encontrado na sua aldeia o cadáver de um padre fuzilado pela República durante a Guerra Civil. No ano passado descobriu-se em Alcalá de Henares uma cova cheia de seminaristas, beatas e subscritores do *ABC*. Até se temeu que, entre os restos, se encontrasse o cadáver de Andreu Nin<sup>3</sup>. A minha equipa e eu exumámos esses cadáveres – disse-lhe, agora olhando-o no rosto – e não pode imaginar as pressões que tivemos de suportar por parte do ministro na altura. Tentar manipular a História é sempre um jogo arriscado, nunca se pode apagar completamente a parte que não nos agrada. Mas não quero aborrecê-lo com os pormenores da nossa fatigante política nacional. – E concluiu o seu comentário com um esgar de desgosto.

Cameron não deixava de a observar, o seu instinto dizia-lhe que não lhe teria agradado estar na pele do ministro a falar com aquela mulher.

– Falava-me de duas pessoas. – Quis retomar o seu fio argumentativo.

– Sim – continuou – sabemos que duas pessoas intervieram na última manipulação do cadáver para o deixar no local onde o encontrámos setenta e dois anos depois. Deixaram vestígios do seu ADN nas roupas e no corpo do nosso monge. Eram dois homens, identificámo-los como *Cobisa Dois* e *Cobisa Três*.

– Quando é que morreu?

– Por volta das vinte e três horas de 18 de Julho de 1936.

– Parece muito certa disso.

– Temos um dos melhores laboratórios de medicina legal da Europa, professor Cameron – respondeu sem se dar ao trabalho de disfarçar o orgulho que sentia em relação àquilo que asseverava.

---

<sup>3</sup> Andreu Nin, trotskista e dirigente do POUM detido, torturado e assassinado por comunistas num dos capítulos mais obscuros da “guerra suja interna” da própria República.

– Nessas datas, começou a morrer muita gente neste país – reflectiu o americano – Morreu realmente fuzilado?

– Aproxime-se – sugeriu enquanto se colocava à cabeceira da mesa de autópsias. – Está a ver este orifício por baixo do ombro esquerdo?

– Um tiro? – arriscou Cameron.

– Pode parecer que sim, a olho nu. Um tiro teria simplificado muito o nosso trabalho – reconheceu. – Mas não, não foi um tiro que acabou com a vida do *Cobisa Um*. É um ferimento inciso-perfurante causado por uma arma de ferro. Descrevê-la-ia como um tubo delgado de uns quinze milímetros de diâmetro com uma ponta muito afiada e de forma flamejante que o atravessou de uma ponta à outra. – Voltou-se para apanhar uma pasta que tinha depositado numa mesa de apoio. Entregou-lhe um *print* que tinha no seu interior. – Esta é uma recriação virtual em 3D do objecto que matou o nosso amigo. Ou para ser mais exactos, da parte da arma que percorreu o corpo do frade, vinte e oito centímetros de um tubo de ferro perfurante. Foi um ataque muito violento fosse, o que fosse cravaram-no e desenterram-no com força. Tanto que a ponta da arma chocou contra uma parede de pedra rica em malaquite que a vítima devia ter atrás de si. Encontrámos restos desse mineral no ferimento, deixados quando o atacante removeu a arma.

Cameron ouvia a explicação da doutora enquanto observava a recriação do estranho objecto impresso naquela folha que sustinha entre as mãos.

– Uma flecha?

– Nunca se fizeram flechas com a haste em ferro, professor. Além do mais, a ponta não é em forma de seta. É uma arma desenhada para atravessar e retirar muito rapidamente, pela forma da ponta, quase oval, estreita e limpa. Isto descarta também o arpão.

– Uma lança? – arriscou.

– A nossa tecnologia militar em 1936 não era muito sofisticada, tenho de admitir. Mas há muito tempo que não utilizávamos lanças para combater – respondeu com um sorriso socarrão. – Estou inclinada para algum tipo de baioneta. Estamos a estudar a hipótese.

– Disse que era de ferro, – perguntou Cameron – que a arma era de ferro. Pensava que as baionetas do século XX eram de aço.

– Disse-lhe que estamos a investigar, professor.

Contudo, pela primeira vez, ele sentiu um vestígio de insegurança no discurso da doutora.

– Posso ficar com a reprodução da arma?

– Claro. Se chegar a uma conclusão diferente, vou adorar ouvi-la.

– Foi isto que o matou?

– Indubitavelmente, foi a causa da morte. A baioneta – notou o olhar inquisidor de Cameron – ou o que raio tenha sido – concedeu – provocou

um ferimento feio. Se tivesse tido cuidados médicos imediatos, teria sobrevivido. Mas tal não aconteceu. O *Cobisa Um* não deixou de se movimentar, provavelmente tentava escapar ao seu assassino, e morreu a sangrar, horas depois do ataque.

– Foi morto pelos homens que o emparedaram?

– É possível. Mas nunca saberemos sem analisar a arma do crime para comprovar se as impressões digitais ou os vestígios de ADN coincidem com aqueles encontrados na roupa e no cadáver do frade... E a arma desapareceu há setenta e dois anos.

No seu olhar, Cameron leu: Caso encerrado.

– Há alguma relação entre o monge e os objectos encontrados no interior da parede falsa?

– O relatório dos meus companheiros de criminalística especifica que existem impressões digitais do *Cobisa Um* na relíquia e no livro, que também estão contaminados por impressões digitais do *Cobisa Dois* e do *Cobisa Três*. Na imagem da Virgem só há impressões do *Cobisa Dois* e do *Cobisa Três*”.

– Algum dia saberemos o que se passou naquela noite na Igreja de São Filipe e São Tiago de Cobisa? – Na pergunta de Cameron havia um tom quase lastimoso, enquanto olhava fixamente para os restos do frade, como que desejando encontrar uma pista inadvertida que o levasse a desvendar o seu segredo.

– Posso arriscar uma reconstituição parcial dos factos – tinha-a simulado vezes sem conta no seu cérebro anteriormente – mas é apenas parcial e subjectiva – reconheceu a subdirectora. – Creio que o frade era o portador da relíquia e do manuscrito. Foi atacado longe da igreja, talvez a duas horas a pé da aldeia. Lembre-se de que sangrou e fez um grande esforço durante esse tempo. Não sei se os dois homens que lhe deram sepultura eram os seus assassinos, que o perseguiam, ou se foram dois samaritanos que não conseguiram fazer nada para o salvar, porque não chegaram a tempo.

Cameron apoiou-se com uma mão na mesa metálica. Com a outra, esfregou as têmporas.

– Quanto mais informação vou tendo sobre este assunto, mais confuso estou. Não tenho sangue de Sherlock Holmes a correr nas veias.

– Não me encene um desmoronamento. O senhor não tem ar de quem se dá por vencido à primeira contrariedade.

Se procurasse piedade no futuro, Alejandra não seria uma boa porta onde bater.

– O hábito pode dar-nos alguma pista? – Agora apoiava-se com ambas as mãos sobre a marquesa, como um pugilista castigado que se agarra às cordas antes de voltar ao centro do ringue.

– O hábito está a dar-nos grandes dores de cabeça – reconheceu – A sua confecção é tão tosca e o corte tão primitivo que poderia ser uma cópia de antigos padrões beneditinos<sup>4</sup>. É confeccionado com lã de...

– De ovelha irlandesa – interrompeu Cameron.

– Como diabo é que sabe isso? – O seu rosto era a máscara da surpresa.

– Também posso arriscar reconstruções parciais dos factos – respondeu divertido, orgulhoso e, por fim, abismado.

– Sim, o hábito é de lã irlandesa – reconheceu. – As sandálias – continuou, olhando-o de soslaio – manufacturadas de forma totalmente artesanal...

– São de couro de novilho, *Angus Iris* – arriscou, sabendo que arriscava pouco.

– Suponho que tudo isto tem uma explicação. – A doutora voltou a cruzar os braços, enquanto o perscrutava, entre divertida e intrigada.

– Reconheço que deveria partilhar consigo os dados das minhas investigações. Permitiria que a convidasse para jantar esta noite e continuar a conversa acompanhados de uma boa garrafa de vinho?

– Acabo de iniciar uma relação, professor Cameron. Tenho saído com um sueco espectacular, todas as minhas amigas me invejam por isso, e acho que estou apaixonada por ele. Seria mais correcto que almoçássemos juntos.

– Aceitarei esse almoço como um cenário digno dentro da minha derrota. Mais alguma surpresa proveniente da roupa do monge?

– Sim, e esta creio que não conseguirá adivinhar. *Cobisa Um* era um homem muito viajado. Encontrámos vestígios de pólen de *Campanula virginialis* no seu hábito.

– Nunca fui bom em botânica.

– A *Campanula virginialis* ou campainha da Virgem é uma flor silvestre endémica de Israel. Só floresce e poliniza na Primavera. Pense nisso até à hora de almoço – disse-lhe, com o melhor dos seus sorrisos.

Apertaram as mãos no grande *hall* da Escola de Medicina, onde se albergava a sede do Instituto Anatómico Forense.

– Diga-me uma coisa, Alejandra – cedeu à curiosidade – porque não é directora em vez de subdirectora? Parece-me uma profissional brilhante e, desta vez, não o encare como um piropo, encare-o como um diagnóstico.

---

<sup>4</sup> São Benedito de Núrsia (c. 480-543 d.C..) fundou a primeira ordem monástica regrada, os beneditinos.

– Vou fazer-lhe uma confidência, Sebastian. Sou mulher, sou bonita e não sou parva. Esta é uma combinação que aterroriza noventa e nove por cento dos homens, entre os quais se inclui o meu chefe. É uma história injusta, mas muito vulgar.

– Como são o um por cento dos homens que não a temem?

– São suecos.

Quando chegou ao estacionamento para retirar o seu automóvel, viu que um folheto publicitário repousava sob a escova do limpa-pára-brisas. Uma exposição. “Madrid Romano”, no Museu de Ciências Naturais. Abriu o díptico, com certa curiosidade, enquanto se encaminhava para o caixote do lixo para o deitar fora.

Apercebeu-se de uma descarga de adrenalina que acelerou o seu coração ao discernir a marca oval que destacava uma das secções do programa: “Armamento legionário”.

Consultou o relógio. Eram doze horas. Tinha tempo de visitar a exposição e regressar para recolher a doutora Recasens para o almoço.

Tinha apoiado a folha com a impressão em três dimensões do objecto que acabava com a vida do monge sobre o cristal da grande urna que guardava a figura em tamanho natural de um legionário romano. O soldado estava em posição de descanso, equipado na perfeição para o combate com todo o seu armamento regulamentar. Comparou a ilustração, uma e outra vez, com o objecto que o legionário segurava na mão direita. Não havia dúvida. Agora sabia com certeza com que tinham assassinado *Cobisa Um*. Tinha sido atacado com um pilo<sup>5</sup> romano.

---

<sup>5</sup> Pilo: arma básica, junto com a espada (gládios) do legionário romano. Havia de dois tipos, pilo pesado e pilo ligeiro. As pontas destas lanças de arremesso tinham forma oval e plana, o que permitia uma penetração profunda no corpo dos inimigos e a rápida recuperação da arma.

## CAPÍTULO V

### A VIRGEM DAS ANGÚSTIAS

Capita V. N.S.B.a. *Três novos monges chegam em peregrinação à abadia. Pedem a Brendanus para embarcar. O abade consente, embora já tivesse sonhado com o seu trágico destino.*

Chegou a Toledo vindo de Madrid pela nova e moderna auto-estrada com portagens que unia as duas cidades. Teve de admitir que Espanha o surpreendia a cada viagem, em cada nova estada. O país avançava rapidamente. Para um estudioso da história de Espanha como ele, o seu progresso era surpreendente. Como nação, tinham tocado o fundo em finais do século XIX, com a liquidação dos seus últimos restos imperiais nas mãos dos seus compatriotas ianques. Tinham sido devastados por uma guerra civil nos anos trinta do século XX. Tinham sido isolados por uma ditadura e, agora, pouco mais de meio século depois do que parecia o começo do fim, floresciam como um país moderno e pujante.

A sua rede de estradas era comparável à alemã ou à italiana e, além do mais, eram gratuitas, na sua maioria. Os seus aeroportos cresciam e modernizavam-se, o novo terminal de Barajas havia-o surpreendido positivamente.

Nessa mesma manhã, tinha estado prestes a viajar num comboio de alta velocidade para Toledo, opção que rejeitara por não querer incomodar Nuria ou apanhar um táxi até ao povoado vizinho de Cobisa. Espanha, aos olhos de um estrangeiro, era um país novo e em pleno crescimento. Aos olhos de um historiador, um processo de recuperação acelerado e surpreendente no qual outras nações teriam recuado séculos, ou simplesmente desaparecido. Sentiu uma pontada de inveja envolvida por riscas e estrelas. Em alguns aspectos, teve de reconhecer, os Estados Unidos estavam pior que o seu renovado anfitrião europeu.



Nuria tinha insistido para que viajasse no TGV, em vinte minutos estarás praticamente às portas da muralha, mas tinha recusado a sua oferta. Desde a morte da sua esposa, Cameron tinha feito votos de nunca voltar a depender de outro espécime do sexo oposto. Nem sentimentalmente, nem de nenhuma outra forma. Isso é insegurança misturada com o teu tradicional egoísmo, salientara a filha.

É possível que o diagnóstico estivesse certo.

Mas tanto lhe fazia.

Sentia-se bem sozinho. Na realidade, estava sozinho há muito tempo. O seu casamento morrera antes que a sua esposa o fizesse.

O seu automóvel deslizava a cento e sessenta quilómetros por hora pela firmeza perfeita da nova auto-estrada. Se os painéis não estão acesos é porque os radares não estão a funcionar, nem a Guardia Civil está lá dentro, tinha dito o portageiro, quase em jeito de confiança. Era isso que o apaixonava no país, podiam disfarçar-se de pujança e desenvoltura, mas em cada um dos seus habitantes havia sempre latente um anarquista disposto a quebrar as normas. Embora suspeitasse de que era essa a essência do seu progresso.

Enquanto conduzia entre imensos campos de cereais prestes a ser ceifados, tentou recordar algum momento feliz do seu casamento. Não conseguiu porque não era capaz de fixar o rosto de Maggie na sua memória. Decidiu não se repreender por isso. As coisas tinham acontecido assim no passado e não se podiam alterar. Tentou animar-se. Ainda era razoavelmente jovem, como costumavam dizer todos que com ele partilhavam os cinquenta quando se juntavam ao redor de várias garrafas de cerveja, e ainda lhe restavam uns anos intensos por viver. E não pensava desperdiçar nem um só desses dias.

Daí a vertigem que sentia desde o primeiro encontro com Nuria, quando lhe contou toda aquela história dos estranhos achados da igreja de Cobisa, parecia-lhe até estimulante. De alguma forma, sentia que estava a começar a rolar por uma encosta da qual não vislumbrava o final. Não chegava sequer a intuí-lo, mas sabia que era imparável.

Além disso, sentia-se manipulado em toda aquela história: Quem lhe deixara recados marcados a caneta no pára-brisas? Até onde queriam levá-lo? O que o esperaria naquele andar para arrendar para cavalheiros, cavalheiros?

Sentiu outra vez aquele formigueiro no estômago. Mas sabia que a sua necessidade de respostas bloqueava os seus alarmes de perigo.

De momento, tinha traçado o seu próprio plano. O que, pelo menos, lhe produzia uma sensação de controlo sobre os acontecimentos. Por agora, não iria ver o andar para arrendar no centro. Não seguiria à risca as indi-

cações de quem tinha baptizado como “o director”. Primeiro, analisaria as quatro descobertas encontradas na parede falsa da igreja paroquial de Cobisa. Já tinha tido o seu primeiro contacto com o *Navigatio*, embora a sua leitura continuasse pendente. Também tinha apresentado as condolências à múmia do monge, com resultados inquietantes. Em alguns minutos, saberia se a imagem da Virgem fazia parte do quebra-cabeças ou era apenas uma pista marginal que se extinguia a si mesma. Só lhe faltava a pluma de anjo. Mas tinha decidido chegar ao final. No dia seguinte, nas primeiras horas da manhã, apanharia um voo para Roma. Tinha vencido a sua resistência inicial e tinha ligado ao seu irmão Madoc.

– Olá, Mac, fala o Sebastian.

– Sebastian, céus, há anos que não sabia de ti. Como vai a vida, irmão?

– A sua voz sempre bem modulada, sedutora, amável do outro lado do telefone.

– Bem, está tudo em ordem. – Não se lembrava de o ter voltado a ver depois do funeral de Maggie, e isso fora há cinco anos. – Ouve, Mac, tenho de viajar para Roma. – As conversas com o irmão eram sempre assim, directas e sem circunlocações. – Continuas diplomata por lá, não é?

– Claro, Sebastian. E estou no último ano do mandato, tiveste muita sorte. Para quando prevês a tua chegada?

– Estarei aí dentro de dois dias, na próxima quarta-feira.

– Soa a viagem rápida. Trabalho ou prazer?

– Trabalho, Mac. Tens contactos na Santa Sé? – Sempre sem rodeios.

– Ainda és historiador ou deste em espião? – Ouviu o riso franco de Madoc do outro lado do telefone, o seu irmão parecia estar sempre de bom humor.

– Estou a compilar dados sobre a colecção de relíquias de Filipe II para o meu próximo livro – Improvisou – Estou em Espanha e fui várias vezes ao El Escorial. Mas gostaria de conhecer em primeira mão os protocolos da época para a autenticação de relíquias por parte do Vaticano.

– És um tipo com sorte, Sebastian. Sou amigo íntimo de monsenhor Grazzianni. – Os dotes sociais do irmão sempre o tinham abismado, talvez por isso fosse diplomata. – É um cardeal que parece ter todas as chaves do Vaticano. Estou certo de que é o teu homem. E deve-me uns pequenos favores.

– Isso soa muito bem, Mac. Vemo-nos na quarta-feira em Roma. Tenho de desligar, estou a conduzir – voltou a improvisar.

– A Mónica e as meninas vão adorar ver-te novamente... – Desligou-lhe o telefone.

– A um quilómetro, primeira curva à direita – anunciou a voz feminina do navegador do *Audi*, roubando-o aos seus pensamentos.

– Vens jantar comigo esta noite? – perguntou à máquina. Não houve resposta.

Cinco minutos mais tarde estava em Cobisa.

Estacionou à frente da Igreja de São Filipe e São Tiago. Consultou o relógio de pulso, faltavam cinco minutos para o meio-dia, a hora combinada para o encontro com Don Simón, o pároco da aldeia. Saiu do carro, e uma onda de calor seco acabou com o microclima fabricado pelo climatizador do *Audi*, do qual tinha desfrutado durante os escassos trinta minutos de viagem.

Don Simón e três mulheres de meia-idade estavam em frente ao altar da Virgem das Angústias. As luzes do presbitério acendiam e pagavam, enquanto o pároco e as suas correligionárias observavam os testes de iluminação com expressões graves.

Don Simón, pelo canto do olho, observou o recém-chegado que se aproximava do grupo e foi ao seu encontro.

– Deve ser o professor Cameron – disse, estendendo-lhe a mão e esboçando um afável sorriso no rosto.

– Espero que tenha chegado a essa conclusão porque não esperava mais nenhuma visita a esta hora. Lamentaria que o meu aspecto de turista americano me denunciasse – respondeu, fazendo uma leve inclinação para beijar o seu sacerdotal, tique de uma educação católica rígida.

– Caramba! – O seu gesto não passou despercebido a Don Simón – Americano e católico. Se, além disso, for casado e heterossexual, terá todos os atributos de um autêntico provocador.

– Sou viúvo, nunca votei no Bush, a minha heterossexualidade foi garantida por uma educação aborrecidíssima e não fui um marido exemplar – reconheceu, rapidamente e sem pudor. – Espero não o desiludir demasiado.

– O seu espanhol é perfeito – observou o sacerdote, ignorando a sua eloquente provocação. – Onde aprendeu?

– Pode dizer-se que fui criado nos braços de uma espanhola. A filha de um professor republicano exilado em Boston. Foi o meu *au-pair* desde os quatro anos. Creio que aprendi a falar espanhol antes do inglês.

– Uma história interessante. Agora vai acabar de a contar. Preparei um pequeno refrigerio na sacristia – disse, baixando a voz para que as mulheres não o ouvissem.

– Não era necessário incomodar-se – respondeu-lhe, enquanto observava a estátua. – É esta a Virgem que apareceu na parede?

– Oh, sim – respondeu-lhe, voltando-se para o altar. – Os técnicos

acabaram a limpeza e restauro há dois dias, muito antes do esperado. Transferiram-na para a igreja esta manhã. O senhor apanhou-nos a preparar os testes de iluminação. Venha, acompanhe-me.

Aproximaram-se do altar da capela da Virgem e do grupo de mulheres que não tinham deixado de os observar, descurando os testes aos efeitos luminosos.

– Senhoras – anunciou o sacerdote –, apresento-vos o professor Cameron, da Universidade de Boston. Já vos tinha falado dele, e creio que a D. Nuria Rubio também. Professor, estas são a dona Marta, a D. Maria e a D. Sofia, três senhoras do Capítulo do Desprendimento, as minhas mãos e os meus braços nesta paróquia.

Cameron cumprimentou-as com um sorriso e uma inclinação da cabeça.

– Afinal, o senhor não é tão velho – reconheceu uma delas.

– Sim, a Nuria disse-nos que era um velho jarreta – disse outra, com uma sinceridade cruel.

– São velhas discórdias do passado. – Cameron aclarou a garganta.

– A senhorita Rubio nunca conseguiu esquecer completamente as consequências daquele terrível acidente em Boston. Temo que a descrição que faz sempre da minha pessoa seja uma espécie de vingança inconsciente.

As três mulheres observavam-no sem pestanejar, à espera de ouvir a história completa. Cameron não planeava desiludi-las.

– Como já devem saber, a inspectora Rubio foi minha aluna durante um ano em Boston – as três assentiram com a cabeça – o que não vos terá contado é que a atropei no estacionamento da faculdade numa manobra infeliz ao retirar o meu automóvel do estacionamento, um antiquado e pesado *Cadillac*. – As três mulheres abanaram a cabeça em reprovação. – Perdeu a perna esquerda. – Uma das mulheres levou a mão à boca, sufocando um pequeno grito. – Desde então, usa uma prótese. É uma prótese magnífica, um protótipo que desenvolvemos no laboratório da Faculdade de Medicina de Boston, especialmente concebido para ela.

Fez uma pausa para observar o efeito do seu relato naquelas mulheres. Demolidor, como esperava.

– Sei que a Nuria me perdeu de coração, porque continuamos grandes amigos. Mas a sua pequena vingança, como vos disse anteriormente, é descrever-me como um velho decrepito. Nunca lhe impus represálias por isso – admitiu, compondo uma expressão nobre no rosto, quase angelical.

As três mulheres cruzaram olhares cúmplices entre elas.

– Senhoras – interrompeu o pároco – o professor Cameron e eu gostaríamos de ter uns instantes de privacidade para falar sobre a imagem e outros assuntos. Se tiverem a amabilidade...

As três mulheres dirigiram-se para a porta num grupo compacto. Falavam entre si num tom que pretendia ser confidencial.

– Sim, nota-se que coxeia, eu não quis comentar convosco porque sou de natureza cautelosa – conseguiu ouvir Cameron que não pôde evitar esboçar um sorriso de profunda satisfação.

Don Simón não pôde evitar exalar um suspiro quando as três mulheres saíram pela porta da igreja.

– Sabia que a inspectora vai mudar-se para Cobisa no mês que vem? A sua história vai dar muito que falar na aldeia. Se quiser, posso confessá-lo antes de ir.

– Não me calhava mal – reconheceu o americano. – Vou pensar nisso durante o aperitivo.

Don Simón não tinha faltado à verdade no que toca ao refrigério. Na sacristia, aguardava-nos generosas fatias de um excelente queijo curado, presunto ibérico e croquetes deliciosos e ainda mornos. Tudo preparado para ser regado com um notável vinho de Rioja.

– A estátua em si não tem valor artístico – reconheceu o pároco a meio do *brunch* improvisado. – O seu valor é sentimental para a aldeia, potenciado pelo seu estranho desaparecimento e a sua não menos estranha reaparição com os seus enigmáticos companheiros de reclusão. – Acabou de engolir um croquete. – Vou contar-lhe tudo o que sei sobre a estátua, se prometer fazer o mesmo sobre o resto. Sei que está a investigar. – lançou o sacerdote.

– A discricção não parece ser um dos traços mais característicos da minha antiga aluna.

– Não a culpe por isso. Se ela não me tivesse contado tudo, o senhor não estaria aqui hoje, a comer estes croquetes comigo – admitiu Don Simón.

– Comece o senhor, padre. Garanto-lhe que lhe vou correspondendo.

Limpou cuidadosamente as mãos num guardanapo antes de começar a informá-lo.

– Segundo consta no arquivo paroquial, a imagem agora recuperada foi encomendada pela marquesa de Sonseca em 1890 a um artesão filipino. Daí a explicação dos traços orientais que terá detectado na execução da figura. Os marqueses de Sonseca viviam em Manila naquela época. O marquês era praticamente dono da Companhia de Tabaco das Filipinas e um dos homens mais influentes da colónia. A marquesa, Dona Elvira, era uma mulher muito religiosa e devota. Tinha uma capela de culto na sua mansão, como era costume naqueles tempos nas famílias católicas mais abastadas. A

nossa Virgem das Angústias ainda não tinha mudado, à época, o seu nome original. Era ainda a Virgem dos Remédios nas Filipinas.

– A que se deve a sua mudança de nome, então? – perguntou o intrigado Cameron, a quem já parecia que nem o mais simples poderia ser normal naquela história intrincada.

– A uma historieta que, se me permite, toca a tragédia e a comédia. Vou explicar-lhe – clarificou ante o rosto confuso do seu convidado. – O marquês, além de milionário, sabia ler nas entrelinhas do presente aquilo que o futuro lhe preparava; talvez devido a esta capacidade tenha sido sempre milionário. Prognosticou com algum acerto que a colónia tinha pouco tempo de vida. De vida espanhola, digamos assim. Por isso, vendeu todas as suas acções, negócios e propriedades nas ilhas, ainda a muito bom preço, e regressou a Espanha em 1892<sup>6</sup>. Iniciaram o regresso à metrópole no vapor *Magallanes*. Ao que parece, a travessia foi cheia de incidentes e perigos. Tempestades terríveis estiveram prestes a fazer naufragar o barco várias vezes. D. Elvira passava os dias e as noites recolhida no seu camarote de primeira classe a rezar à Virgem dos Remédios. Passou tantas angústias na viagem, como relataria mais tarde, e estava tão convencida de ter salvado a sua vida graças à intervenção daquela virgem que decidiu rebaptizá-la com o nome “Virgem das Angústias”, em memória da terrível viagem. Os marqueses compraram grandes propriedades em Toledo e mandaram construir o antigo palácio da Sisle, a poucos quilómetros da aldeia. A marquesa enamorou-se por Cobisa, fez muitas obras de caridade para a aldeia, ampliou a igreja paroquial, que era então uma humilde ermida, e acabou por doar a sua Virgem das Angústias para o culto da sua nova capela.

» E ali permaneceu a imagem até àquela desventurada noite de 18 de Julho de 1936. Ou, pelo menos, é tudo quanto posso contar-lhe, porque é tudo quanto sei.

Cameron cumpriu a sua palavra. Sem entrar em grandes detalhes, deu-lhe a conhecer o resultado das suas pesquisas com o *Navigatio* e o cadáver do monge. Obviou o pormenor do pilo, resumindo a morte do presumível religioso com um “ataque com arma branca”.

– Na minha opinião, esse monge era um farsante, professor Cameron. – O pároco queria dar-lhe a saber tudo o que pensava tão obscuro assunto. – E chego a essa conclusão pelos objectos que ele trazia. Um *Navigatio* falso e uma suposta pluma de anjo, tão falsa como o livro. Provavelmente, era tudo roubado, ou pior.

---

<sup>6</sup> Em 1898, com as perdas de Cuba e das Filipinas, o Império espanhol no ultramar terminara, depois de mais de quatrocentos anos de existência.

– Devo entender que suspeita que o morto nem sequer fosse um verdadeiro monge. – quis delinear o americano.

– Claro. Estou certo de que o que aconteceu naquela noite na igreja foi uma reunião de ladrões. Naqueles tempos, assaltava-se e espoliava-se igrejas como hoje se assalta vivendas. Aqueles homens discutiram pelo saque e a luta acabou muito mal para um deles. Foi emparedado com os objectos que pretendiam roubar com a intenção de os recuperarem mais tarde. Se não o fizeram foi porque não puderam. Creio que a guerra terá levado um par desses assassinos para o inferno.

Bebeu um longo trago de vinho e engoliu um croquete enquanto olhava fixamente o seu convidado americano.

– Sim – rematou finalmente. – Foi isso que aconteceu realmente nesta igreja na noite de 18 de Julho de 1936.

– Porque vestiram o morto de monge? – Cameron não resistia a encontrar flancos abertos no demolidor relato do religioso.

– Para o caso de os descobrirem antes de terem tempo de o emparedar. Em meados da década de trinta, matar alguém que vestia hábitos não era mal visto pelas autoridades. Com efeito, as autoridades desataram a matar curas nos primeiros meses da guerra, como deve saber pela sua condição de historiador – respondeu-lhe com grande conhecimento.

– O que sabe da pluma de anjo? – Foi uma pergunta feita quase num tom de lástima.

– Continuam a analisá-la em Roma. Não tive resposta do arcebispado. E cá entre nós, não espero voltar a saber nada desse disparate.

Despediu-se de Don Simón à porta da igreja. Acordaram continuar a informar-se mutuamente caso surgisse alguma novidade.

Cameron iniciou o regresso a Madrid com uma estranha e incómoda sensação de vazio. E se tudo tivesse ocorrido de forma tão brutal e pragmática como o sacerdote havia reconstruído? Era uma hipótese sólida e coerente, teve de reconhecer, muito para seu pesar. Talvez o mistério só existisse na sua imaginação. Sentiu-se repentinamente deprimido, como um menino a quem arrancaram das mãos o seu brinquedo preferido.

Ligou a Nuria pelo telefone do *Audi* e desculpou a sua ausência para o almoço dizendo que tinha de apanhar o primeiro voo da manhã do dia seguinte para Roma. Uma desculpa fraca e pouco sustentada.

Na realidade, não estava com humor para almoçar com ninguém.

## CAPÍTULO VI

### A PLUMA DO ANJO

Capita VI. N.S.B.a. *A curragh navega em direcção ao solstício de Verão. Chegam à ilha do Castelo Desabitado. Um dos monges peregrinos brinca com um diabrete etíope que o induz a roubar um cálice de ouro.*

O comandante Ignacio Ayuso anunciou a passagem imediata à aterragem do *Airbus A-310* da Ibéria no aeroporto de Fiumicino pelo intercomunicador da aeronave. Cameron começou a sair da sonolência produzida pelo voo graças ao sonoro e persistente alarme que o informava da obrigatoriedade de apertar o cinto de segurança antes de o aparelho iniciar a manobra de aterragem. Adormecia sempre. E por isso não gostava de voar. Dormir era como abandonar-se conscientemente à sua sorte.

Apoiou a cabeça na janela do seu assento, enquanto o *Airbus* se inclinava sobre o lado esquerdo dando início à descida sobre Fiumicino. Daquela altura, conseguiu distinguir o caótico crescimento de Roma. O dia estava bonito e límpido, típico do Verão romano. O reflexo do Sol sobre o mar fê-lo descolar o rosto da janela, semi-cerrando os olhos.

Abriu o jornal *El País* que uma amável hospedeira lhe tinha oferecido no início do voo para tentar distrair-se. Não gostava de aterragens.

O moderno *Airbus* deslizou com suavidade pela pista até alcançar o seu *finger* e deter-se na frente do terminal B do aeroporto. Felicitou-se pela habilidade do comandante na aterragem enquanto voltava a ouvir a sua voz na protocolar despedida. Simpatizava com o jovem piloto, sabia que era jovem pelo seu tom de voz, até que este anunciou a temperatura exterior em Roma. A máxima aguardada para o meio-dia era próxima dos quarenta graus. Não quis ouvir a percentagem de humidade de que so-



freria a cidade de Calígula, merecida prenda pela sua proximidade do Mediterrâneo.

Nesse momento, ficou consciente de que saíra do inferno de Madrid para cair no caldeirão de Roma.

Arrastou disciplinadamente o seu trólei pelos longos corredores do terminal B, passageiros Schengen, para alcançar a saída. Ali, veio ao seu encontro um homem com corte de cabelo militar e fato azul-marinho com bandeira americana na lapela.

Mássimo Lanza, assim se chamava o motorista da embaixada que lhe tinha sido designado, identificou-o graças à foto tipo passe que tinha de Cameron e que rapidamente guardou num dos bolsos do seu casaco.

– Signore Sebastian Cameron? – perguntou, parando na frente do professor americano.

– Sim, sou eu – respondeu, com *secura*.

Lanza desenhou no rosto um amplo sorriso e deu-lhe um forte aperto de mão, segurando-lhe o antebraço com a mão esquerda. Cameron supôs que o motorista tinha visto saudar assim o seu chefe tantas vezes que imitava o gesto como comportamento condicionado.

Se o motorista fosse um pastor - alemão, Pavlov teria ficado encantado por conhecê-lo.

– Sou Máximo Lanza, condutor da embaixada – apresentou-se, enquanto exibia uma identificação plastificada com o selo da embaixada dos Estados Unidos. – Peço-lhe que comprove a minha identidade antes de me acompanhar. É um código de segurança.

Cameron lançou uma vista de olhos furtiva ao cartão que exibia.

– O senhor é mais atraente ao natural. A fotografia não lhe faz nenhuma justiça.

– Oh, *grazie, professore*, a minha namorada também acha – respondeu-lhe, sorridente.

O robusto Lanza agradeceu-lhe. Um tipo desinibido e alegre, com a segurança que a juventude confere e por ter sido treinado por assassinos profissionais dos serviços secretos americanos.

Cameron comprovou a hora do seu relógio, enquanto entrava no *Mercedes 500 SEK* blindado do embaixador americano: 10:37. Mais de meia hora de atraso sobre o horário previsto devido a uma retenção na pista do aeroporto de Madrid.

– O meu encontro no Vaticano é às onze e um quarto. Acha que chegamos a tempo? – perguntou, sem esperança de receber uma resposta positiva.

– *Professore, io so romano* – respondeu-lhe o motorista. Na realidade, queria dizer que sabia conduzir como um verdadeiro romano. E que sim,

chegaria ao seu encontro com tempo de sobra, até para beber um *cappuccino* antes de entrar no Vaticano.

Pôde comprová-lo quando Máximo lançou o seu *Mercedes* a mais de cento e sessenta quilómetros horas no endiabrado tráfego da *auto-estrada* Roma-Fiumicino. Com habilidade, foi ultrapassando todos os inimigos que lhe apareciam pela frente, porque era assim que os romanos entendiam o trânsito, como uma batalha diária, até travar com suavidade em frente às portas da Basílica de São Pedro, quinze minutos mais tarde.

Lanza abriu-lhe a porta de forma solícita.

– *Gracias*, Máximo. Agora sei porque Michael Schumacher se reformou, teve de conduzir uma vez – disse-lhe, enquanto tentava recompor o nó da gravata e desenrugar o seu leve casaco de linho.

– *Grazie, professore* – respondeu com uma ponta de orgulho, ao ser-lhe reconhecida a sua habilidade ao volante. – Tenho instruções do embaixador para insistir que aceite o convite que lhe fez para se hospedar em casa dele. Caso contrário, levarei a sua bagagem para o hotel.

– Reitere o meu agradecimento ao embaixador, mas vou dormir no meu hotel. E não conduza tão rápido desta vez. Quero ser capaz de encontrar a minha escova de dentes na mala. – enquanto falava, Cameron olhava-se no vidro fumado do *Mercedes*; não estava mal depois de ter sido submetido a quase cinco G de força no habitáculo do automóvel.

– Venho recolhê-lo neste mesmo lugar às treze horas para o seu almoço com o embaixador.

– Não se preocupe, apanho um táxi. – Começava a ficar farto da obsessão clássica do seu irmão de ter tudo controlado.

– Não será possível, senhor. O protocolo de segurança da embaixada não o permite – respondeu-lhe o motorista com educação, mas com firmeza.

Cameron olhou-o com hostilidade de cima a baixo. Esteve tentado a mandá-lo apanhar no cu ali mesmo, em italiano, para que não houvesse dúvida. A memória fugaz da visão da culatra da sua *Beretta* quando se sentou no assento do condutor fê-lo desistir do seu primeiro impulso.

– Está bem – respondeu-lhe, em tom conciliador, após exalar um breve suspiro – colaboremos com o protocolo de segurança da embaixada. Estarei aqui, como um bom menino, às treze horas. Não se atrase, Massimo, não quero ser sequestrado por um comando de mujahedins enquanto dou de comer aos pombos.

– Não se preocupe, *signore*. – Voltou a sorrir-lhe e deu meia - volta para entrar novamente no *Mercedes*.

...

Um capitão da Guarda Suíça acompanhou-o, escoltado por um robusto arceiro, ao andar superior da Torre dos Ventos, onde o todo-poderoso cardeal Raffaele Grazianni, prefeito do Arquivo Secreto do Vaticano, tinha o seu escritório.

O secretário do cardeal conduziu-o a uma pequena sala contígua ao escritório e comentou, num fio de voz, que seria recebido por Sua Eminência dentro de dez minutos.

Enquanto folheava o exemplar de *L'Osservatore Romano* que o funcionário lhe tinha oferecido, voltou a reconciliar-se novamente com o irmão. Muito para seu pesar, teve de reconhecer que Madoc tinha uma adoração por ele, em nada correspondida por si.

Madoc era o seu único irmão, e, além disso, o mais novo. Mas sempre se tinha empenhado em protegê-lo. Talvez o seu conflito tivesse começado aí, Mac sempre tinha tentado (e conseguido) usurpar o papel que na realidade lhe pertencia a ele. Sebastian tinha de reconhecer, contudo, que o seu irmão era o mais próximo da perfeição. Na realidade, Madoc e a perfeição eram sinónimos. O mais novo dos Cameron tinha sido um estudante brilhante no instituto. Destacava-se tanto nos estudos como no desporto. Em Harvard, a sua rutilante e bífida progressão tinha-se alargado e magnificado. Passava por ser um dos mais prometedores estudantes de direito e, durante os três últimos anos do curso, foi o melhor *quarter-back* da equipa universitária.

Até prestou provas para os Rams, que chegaram a fazer-lhe uma oferta que qualquer miúdo de dezanove anos teria assinado, embora as letras pequenas do contrato o obrigassem a voltar a lutar sozinho contra todo o Vietname reunificado durante um ano. Contudo, disse não ao *rugby*. Ele queria ser advogado.

Foi o número um da sua turma. Mac parecia ter nascido com uma boa estrela.

Foi contratado pela firma de advocacia na moda em Nova Iorque, Benson & Bellami, que acabava de salvar da cadeira eléctrica uma estrela negra do futebol americano acusado do assassinato da própria esposa. O tipo, não se recordava agora do seu nome, tinha mais provas incriminatórias contra si do que as que o povo judeu conseguiria recolher contra Hitler.

Mas Madoc tinha trabalhado como estagiário no último ano de faculdade na firma de advocacia e preparara a defesa do carniceiro de capacete e chumaços nos ombros, praticamente às escondidas. Porque lhe parecia um caso prático e divertido, como declarara na sala de reuniões ao abismado James Bellami, a quem tinha tido a ousadia de enviar por correio electrónico a sua proposta para a defesa de um caso perdido. A estrutura técnica das suas alegações era tão brilhante, inovadora e demolidora, que o juiz

teve de declarar inocente, muito para seu pesar, o jogador atacante de cor. Quatro meses mais tarde, foi de novo detido por violar e estrangular uma prostituta no West End. Na altura, Mac já trabalhava como advogado na firma. Bellami aceitou de bom grado a medalha, mas também comprou a fábrica das medalhas. Contudo, desta vez o petiz dos Cameron não quis assumir a defesa. Um homem tem direito a uma segunda oportunidade. Se precisar de uma terceira, é porque é incapaz de aprender, tinha respondido o seu irmão, esquivando-se à questão, quando Sebastian teve oportunidade de lhe perguntar numa refeição em família, não isenta de uma certa tensão, por que motivo não atirava outra vez para as ruas aquele filho-da-puta.

A firma fê-lo sócio em dois anos. Um verdadeiro recorde. A vida sorria-lhe, as raparigas com implantes mamários e o piercing no umbigo sorriam-lhe, os directores das sucursais bancárias e dos vendedores de carros importados alemães também lhe sorriam. O destino parecia ter oferecido ao mais novo dos Cameron um cheque em branco debaixo dos seus narizes... Então, voltou a surpreendê-los outra vez. Renunciou a tudo para servir o Estado. Alguém lhe havia inoculado o veneno da política, algum dos seus influentes amigos. Queria ser embaixador dos Estados Unidos da América. Foi estudar novamente e conseguiu finalizar a sua carreira diplomática em apenas ano e meio.

– Duplo C. – Recordava perfeitamente a chamada telefónica transbordante de euforia – deram-me o meu primeiro destino. Vou para Bogotá como secretário comercial da embaixada. O que te parece, irmão, não é maravilhoso?

– Mac, parece-me fascinante é que, depois de tantos anos e sendo irmãos biológicos, eu não te consiga entender. – Cáustico, como sempre.

– O quê?

– És a única pessoa no mundo que conheço a renunciar duas vezes a ser milionário. Tens trinta anos, por Deus; se tivesses ficado nos Rams quando tinhas dezanove agora estarias prestes a reformar-te e passarias o dia a folhear catálogos da Ferrari. Se tivesses ficado na firma Benson & Bellami, estarias...

– Benson & Bellami & Cameron – corrigiu.

– ... estarias a jogar golfe em Barbados – continuou, contendo a sua crescente ira – enquanto uma matilha de recém-licenciados trabalharia catorze horas por dia a preparar o teu próximo caso debaixo de um metro de neve em Nova Iorque.

Fez-se silêncio entre ambos. Sebastian só ouvia a estática.

– A Mónica está encantada, acha que a Colômbia será um lugar magnífico para começarmos a nossa família. – O seu bom humor parecia inquebrantável.

– Mac, um funcionário na família bastava; tu eras o vencedor, lembra-te? – Odiava que o irmão envolvesse Mónica em tudo. Talvez fosse apenas inveja.

– Tu e eu somos vencedores, Sebastian – a sua voz bem modulada e bonita, do outro lado do telefone. – porque estamos os dois a fazer o que queremos e aquilo para que servimos. – Ter-lhe-ia batido se ele estivesse na sua frente. – Quando estivermos instalados em Bogotá, a Maggie e tu têm de vir visitar-nos. A Colômbia é um país fascinante.

Não foi visitá-lo à Colômbia, nem a Berlim em 1998. Tinha-lhe dito: “Tens de vir conhecer Berlim agora, o mundo vai começar a mudar aqui.” Nem a Carachi, no Paquistão, o seu último destino antes de Roma, em 2001.

O secretário do cardeal arrancou-o às suas memórias.

– Já pode entrar – anunciou – Sua Eminência vai recebê-lo agora.

Cameron levantou-se com dificuldade do sofá fofo da pequena sala de visitas e entrou no escritório do seu anfitrião.

– Acabo de perder o contacto com o nosso sinalizador, senhor.

– Não se preocupe, isso só pode significar que ele acaba de entrar no escritório de Grazzianni – respondeu alguém do outro lado do telemóvel, enquanto se ouvia, como ruído de fundo, o som inconfundível de um taco a bater contra uma bola de golfe.

O cardeal estava de costas junto a uma grande janela, cujas cortinas abertas revelavam uma magnífica vista sobre Roma. Voltou-se ao ouvir os passos do seu visitante sobre o piso de carvalho napolitano do escritório.

– *Professore* Cameron – avançou para ele com um sorriso perfeito e afável, oferecendo-lhe as costas da sua mão direita, com o seu resplandecente anel cardinalício.

– Eminência. – Cumprimentou-o segundo o protocolo católico.

– É um prazer conhecer o irmão do nosso *carissimo amico*, o embaixador americano. – Reteve a mão dele nas suas por um instante. – Estou à sua inteira disposição.

Grazzianni falava um inglês magnífico. Calculou que talvez fosse um pouco mais velho que ele, mas ainda não devia ter feito os sessenta. De constituição imponente, com uma altura que lhe permitia dissimular com dignidade o seu excesso de peso. O seu cabelo ainda era abundante, curto

e impecavelmente penteado, e tinha uma cor imaculadamente branca. Exibia um saudável e discreto bronzeado. E os seus olhos, de um azul quase líquido, tinham o brilho de uma aguda inteligência. Pareceu-lhe estar na presença de um nobre patrício romano.

– Sentemo-nos aqui – disse-lhe, assinalando uma pequena mesa redonda, rodeada por três confortáveis poltronas. – Vou pedir-lhe um café. Tenho presente que não consegue resistir a um bom café e o que o nosso cozinheiro Pancho faz é realmente excepcional. – Inclinou-se um pouco para ele. – O Pancho é colombiano – disse-lhe num tom quase confidencial, em jeito de explicação, revelando em parte o seu segredo.

– Agradeço-lhe a gentileza do café. É uma droga da qual ainda não consegui libertar-me. O senhor tem um escritório com uma vista invejável – comentou, observando a grande janela, que era uma autêntica varanda sobre a cidade e que, àquela hora, deixava passar com generosidade a luz do meio-dia romano, iluminando a ampla divisão onde estavam reunidos.

– É bem verdade. A Torre dos Ventos, onde nos encontramos, foi construída na sua origem para levar a cabo estudos astronómicos. Esta sala tinha a função de observatório. Deveria estar aqui em plena noite. Apesar da poluição luminosa, o céu de Roma continua a ser portentoso.

– Suponho que, no século XVI, quando Moscherino a projectou e a torre foi construída, não existisse esse problema.

– *Bravo, professore*, vejo que é um homem culto. Ou, pelo menos, preparado para esta reunião. – Cameron notou o seu olhar penetrante.

O secretário bateu duas vezes com os nós dos dedos na porta antes de entrar e depositar na pequena mesa um serviço de café completo, acompanhado por uns doces deliciosos.

– *Grazie, Lucca* – agradeceu-lhe o cardeal – *Non passa alcuna chiamata me fino a che non abbiamo ricinito la riunione.*

O secretário abandonou o escritório tão silenciosamente como tinha entrado.

– Então está a escrever um livro sobre Filipe II e a sua colecção de relíquias. – começou Grazzianni, enquanto lhe servia a primeira chávena de um café espesso e fumegante. – Um ensaio, suponho. Um tema realmente fascinante o da colecção do rei espanhol. Visitei El Escorial há três anos, foi o motivo da minha última viagem a Espanha. Ainda estou impressionado com aqueles dois altares que o rei mandou construir junto ao altar-mor. – Semicerrou os olhos e gesticulou com as mãos, como se quisesse proporcionar e açambarcar as medidas dos retábulos. – Como decerto saberá, mandou erigi-los para colocar as peças mais importantes da sua colecção. Lembro-me nitidamente dos oitenta relicários de prata

que formam o conjunto. Os bustos falantes de Juan de Arfe<sup>7</sup> são absolutamente impressionantes.

Cameron engoliu a sua primeira chávena de café enquanto observava o seu interlocutor e decidiu nesse momento que não iria mentir-lhe. Estava convencido de que Grazzianni demoraria o mesmo tempo a descobrir que ele utilizava para detectar os alunos que tinham a firme intenção de copiar antes de começar um exame. Não mais de trinta segundos. Ao fim e ao cabo, tinham ofícios parecidos. Os dois observavam e cuidavam dos seus rebanhos.

– Na verdade, a colecção de relíquias de Felipe II não é exactamente o motivo da minha visita, Eminência – disse-lhe, enquanto depositava cuidadosamente a chávena de café na mesa.

Houve uma pausa na conversa dos dois homens.

– E acha que poderei ajudá-lo apesar disso? – O seu olhar era frio e duro, ao contrário do seu ainda caloroso sorriso.

– Isso só depende de si. – Levar o jogo ao limite era sempre uma opção.

– Explique-se, *professore*. – Apesar de tudo, não parecia incomodado, muitos anos de *romanità* ofereciam um magnífico treino para camuflar sensações.

– Conhece o caso da pluma de anjo encontrada na parede falsa de uma igreja espanhola? – Decidiu não tentar mais a sorte. Ou tentá-la completamente.

Grazzianni não respondeu de imediato. Continuou a observá-lo enquanto avaliava a sua resposta, entretendo-se na liturgia de degustar o seu café.

– Ouvi dizer umas coisas. Teria gostado muito de dar uma vista de olhos ao corpo do monge e ao resto dos objectos encontrados junto à sua suposta relíquia. Não estou muito satisfeito com a actuação o nosso arcebispo em Toledo em todo este assunto – respondeu-lhe, finalmente. E Cameron soube então que o cardeal se estava a encarregar pessoalmente do caso.

– Gostaria de conhecer todos os pormenores que pudesse revelar-me sobre a presumível relíquia. – Sentia-se como Lorde Cardigan, carregando os seus seiscentos pelo Vale da Morte: quase conseguia ver a boca dos canhões, mas não havia como voltar atrás.

---

<sup>7</sup> Filipe II chegou a possuir uma colecção de mais de oitenta relíquias, sendo na actualidade a colecção mais importante do mundo. Juan de Arfe realizou vinte e duas esculturas de prata de cabeças de santos, ou “bustos falantes”, muito ao gosto da época. Este tipo de peça permite ao observador descobrir, de um só olhar e de diversos ângulos, o tipo de relíquia que se conserva no interior da escultura.

– Suponho que está perfeitamente consciente de que só continua neste escritório em consideração à magnífica relação que tenho com o seu irmão.

Produziu-se novamente um desconfortável silêncio. Cameron sabia que Grazzianni hesitava nesse momento entre disparar ou não disparar os canhões, dando assim por concluída a carga e a entrevista. Um ligeiro brilho no seu olhar fê-lo aventurar-se ainda numa pequena oportunidade.

– O Madoc Cameron é um grande negociador – continuou o cardeal.  
– Veremos de que massa você é feito, *professore*.

O hispanólogo soube então que a partida tinha começado e que seria ele quem tinha de começar a mostrar as suas cartas.

Contou-lhe tudo o que sabia e o cardeal escutou-o atentamente, interrompendo apenas quando queria delinear alguma parte do relato ou aprofundar algum aspecto que Cameron pretendia passar por alto. Quando terminou a narração dos resultados das suas investigações, Grazzianni respeitou o seu silêncio por uns instantes.

– Uma história realmente singular – reconheceu enquanto apoiava as costas no encosto do seu assento e cruzava as mãos sobre o queixo.

– A relíquia pode esclarecer-nos alguma coisa? – inquiriu o seu convidado.

– Temo que a presumível relíquia comprometa ainda mais a história que acaba de me contar.

– Também é falsa, monsenhor?

– Essa é uma pergunta difícil de responder – admitiu – E talvez nunca venha a existir uma resposta.

– Mas o senhor deve ter uma opinião... – Não pensava deixá-lo safar-se sem mais nem menos.

– Vou contar-lhe o que sei. Talvez mais tarde lhe diga o que penso. – O seu olhar dizia-lhe que não era uma pessoa acostumada a sentir pressão. – Analisámos o invólucro e o conteúdo da suposta relíquia. Temos o invólucro, um frasco de vidro com tampa de prata. Temos o conteúdo, um pedaço de papiro com uma inscrição latina, uma pluma e um cabelo.

– Importa-se que me sirva de uma segunda chávena de café? – perguntou Cameron, impossibilitado de controlar o seu vício por cafeína. O cardeal instou-o a fazê-lo com um gesto da mão.

– As análises efectuadas no recipiente de cristal determinaram que no seu tempo a ampola conteve uma mistura de mirra e aloé. O contentor e os restos dessa mistura têm uma datação que não ultrapassa os oitenta anos.

– Mirra e aloé? – perguntou, admirado.

O cardeal pigarreou levemente antes de continuar.

– A mirra e o aloé são utilizados há mais de dois mil anos na medici-



na, professor. A mirra e o aloé têm propriedades anti-sépticas, analgésicas, cicatrizantes e anti-inflamatórias.

O clérigo guardou silêncio por uns instantes. Preferiu esconder ao seu interlocutor que a mirra e o aloé se utilizavam na antiguidade também para lavar, acondicionar e perfumar os cadáveres antes de serem amortalhados e enterrados na antiguidade. Também não lhe pareceu oportuno mencionar que o Santo Sudário, a mortalha de Cristo, estava totalmente impregnado de uma mistura destas substâncias. Ou que se tinham encontrado restos de mirra e aloé em enterros cristãos muito antigos no Médio Oriente.

– A datação do papiro e da grafia latina ainda é mais recente – continuou Grazzianni – Praticamente coincidente com o ano em que se produziu o emparedamento. Falamos de 1936, há setenta e dois anos.

– A tinta?

– Artesanal, como no caso do *Navigatio*. Lembre-se de que se comprometeu a mandar-me um par de cópias das páginas do documento que guarda consigo. Serão suficientes para fazer um exame grafológico do documento, com o que poderemos determinar se a pessoa que falsificou o códice é a mesma que escreveu a nota no papiro.

– Será a primeira coisa que farei quando regressar a Madrid – assegurou – E a pluma?

O cardeal deixou escapar um profundo suspiro enquanto se recostava novamente no encosto da sua poltrona. Por uns segundos, fixou o seu olhar no tecto, como que buscando uma resposta ou um sinal. Endireitou-se e cravou os seus olhos azuis nos de Cameron.

– O que lhe vou contar agora, *professore*, é absolutamente confidencial. Na verdade, poderíamos dizer, é um segredo de Estado, porque o Vaticano, embora seja pequeno, não deixa de ser um Estado. – “É muito poderoso, apesar de ocupar apenas uma superfície de 0,44 quilómetros quadrados” pensou o americano. – O meu escritório – continuou o cardeal – está dotado de todo o tipo de medidas electrónicas anti-espionagem e estão activadas desde que o senhor entrou por aquela porta. Deste modo, a conversa ficará estritamente entre nós. E jamais reconhecerei que teve lugar. Não sei até onde chegarão as nossas investigações sobre a hipotética relíquia, e se algum dia conseguirá o *autenticae*<sup>8</sup>. Neste preciso momento, o dossiê está nas mãos do Santo Padre. A decisão só depende do seu infalível critério. Lembre-se do nosso trato, Cameron, informação por informação.

– Será um prazer trabalhar em equipa consigo, Eminência. – Não mentia, Grazzianni era um parceiro de peso naquela altura do jogo.

---

<sup>8</sup> *Autenticae*: certificado de autenticidade que apenas o Vaticano pode emitir sobre uma presumível relíquia.

– Por alguma estranha razão, vou confiar em si. Talvez pela tranquilidade que me dá saber que o que vou contar-lhe ficará sempre entre nós os dois. E ninguém acreditará em tal fora destas paredes.

– Não pode haver nenhum erro? – perguntou novamente o cardeal Grazzianni depois de ler as conclusões do documento que acabava de ler na presença do padre Giovanezza.

– Não há nenhum erro nesse relatório, Eminência – respondeu com absoluta segurança o jovem sacerdote.

Carlo Giovanezza, o director do laboratório de Investigação e Autenticação do Arquivo Secreto do Vaticano, tinha conseguido controlar o nervosismo dos primeiros minutos da sua entrevista com Grazzianni. Agora sentia-se mais sereno e seguro de si. Ele e a sua equipa tinham feito bem o seu trabalho. Tinha apenas vinte e sete anos, era sacerdote há um ano apenas, mas continuava a ser um dos biólogos mais prometedores do mundo. Ele sabia-o. E o cardeal também.

– Subscreveria, portanto, cada uma das conclusões deste relatório. – O cardeal tentou encurralá-lo.

– A minha assinatura está na última página do documento – respondeu-lhe, quase desafiante.

– Gostaria de conhecer as suas conclusões pessoais, sacerdote Giovanezza. – Era uma forma crua de lhe recordar a hierarquia.

– A pluma é uma rémige secundária, no princípio confundimo-la com a pena de um condor...

– Pensava que os condores eram pássaros pretos – interrompeu – e esta pluma é branca como a neve.

– Com efeito, o condor andino<sup>9</sup> é de plumagem mais escura, quase preta. O condor das Rochosas, um pouco mais pequeno, é pardo – comentou Giovanezza – No princípio pensámos num condor albino, numa estranha mutação, ou que a pluma estivesse fraudulentamente tingida.

– E?

– A sua pigmentação é natural. E não é uma pluma de condor.

– Porque está tão certo do seu diagnóstico?

O director constatava que Grazzianni parecia profundamente irritado com os resultados das análises e testes do seu laboratório. Não havia outra

---

<sup>9</sup> O condor dos Andes é a maior e mais pesada ave voadora do mundo. Alguns exemplares medem da cabeça à cauda 1,2 metros e a envergadura das suas asas pode alcançar os 3,30 metros. Um macho adulto pode pesar até 15 quilos.

razão para exigir a sua presença no seu escritório à primeira hora da manhã.

– As medições e os testes da pluma – continuou – demonstraram que é uma rémige secundária com o dobro do tamanho de uma pluma do mesmo tipo da maior ave conhecida do mundo. A estrutura da pluma, analisada com um microscópio electrónico, diz-nos que estamos perante um tipo de cálamo único e desconhecido. O eixo da pluma é muito mais grosso, resistente, flexível e leve que o da pluma de condor. As barbas de ambos os lados do ráquis também. Submetemos a pluma à prova do vento; a sua aerodinâmica é perfeita e, atrever-me-ia a dizer, inteligente.

– Não estou para jogos de talento esta manhã, padre – respondeu-lhe, com secura.

– Vou tentar explicar-lhe. A morfologia da pluma em si mesma é extraordinária e não se parece em nada com a de nenhuma ave conhecida, como já tinha referido. Não encontramos restos de gordura entre as barbas como se a ave a que supostamente pertenceu não tivesse glândula uropigial<sup>10</sup>. Mas nas simulações de voo descobrimos que, com a força do vento, as barbas produzem uma micro vibração capaz de criar uma película de ar que repele a chuva.

Grazzianni abriu o documento numa página que tinha marcado.

– O que significa isto de um som estranho detectado no túnel de vento? O director engoliu saliva antes de lançar a explicação seguinte.

– Gravámos o comportamento sónico da pluma, Eminência. A reverberação que as barbas produzem, além de provocar uma perturbação do ar que as protege da chuva, também produz um som estranho. – Guardou silêncio. O olhar inquisitivo do cardeal obrigou-o a continuar. – Lembra uma nota musical, Eminência. Se tivéssemos a asa inteira, atrever-me-ia a afirmar que...

– Não temos a asa inteira, Giovanezza – cortou o cardeal – e no Arquivo que dirijo é costume nunca “supor” nada. Só trabalhamos com certezas e factos comprovados e comprováveis.

O cardeal levantou-se pesadamente do seu assento e dirigiu-se à grande janela do seu escritório, voltando as costas ao director do laboratório. A vista sobre a cidade de Roma era espectacular naquele dia luminoso e límpido. Além disso, aquela paisagem urbana tinha sempre um efeito relaxante sobre o seu ânimo.

– Que envergadura tinha o pássaro dono da nossa pluma, padre? – perguntou enquanto fixava a vista na cúpula de São. Pedro.

---

<sup>10</sup> Glândula uropigial: glândula secretora da gordura que as aves distribuem com o bico entre as suas plumas para as tornar impermeáveis.

– A simulação do computador assinala-nos uma envergadura das asas de praticamente quatro metros, Eminência.

Grazzianni recordou que o documento que acabava de ler mencionava que o condor, a ave mais poderosa da Terra, apenas alcançava os 3,30 metros de plano máximo de asa nos exemplares maiores. Guardou um instante de silêncio antes de formular a pergunta seguinte.

– Que peso poderiam levantar essas asas, padre?

– Se o resto da plumagem replicasse as condições estruturais e aerodinâmicas da rémige secundária que temos em nosso poder, essas asas poderiam fazer voar sem dificuldade um indivíduo de até oitenta quilos de peso.

O silêncio rodeou novamente os dois homens.

– O senhor é cientista, um homem da ciência – disse, por fim, o cardeal, que continuava de costas para o padre Giovanezza. – Porque se tornou sacerdote?

– Por coisas como esta, Eminência – respondeu-lhe, automaticamente e sem sombra de dúvida nas suas palavras.

E pela primeira vez em muitos dias, Grazianni sorriu e o seu rosto iluminou-se enquanto contemplava a maravilhosa paisagem romana da grande janela do escritório.

Cameron notou que se aprofundava uns centímetros na poltrona em que estava sentado. O cardeal também apreciou no seu convidado o efeito das suas palavras.

– O caso, como já referi, está agora nas mãos de Sua Santidade. Ele decidirá o que fazer – disse, laconicamente.

– O senhor acredita que alguma vez seja declarada como relíquia, Eminência?

Grazianni emitiu um suspiro profundo, enquanto entrelaçava as suas mãos fortes.

– Há muito tempo que o homem superou a idade da inocência, professor Cameron – disse-lhe, em jeito de introdução. – Sabia que na actualidade se encontram guardados mais de sessenta dedos de São João Baptista repartidos entre dezenas de igrejas e conventos? Ou que se veneram três prepúcios de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Antuérpia, Hildesheim e Santiago de Compostela? Aqui no Vaticano temos lentilhas e pão que sobraram da Última Ceia. Esta tarde poderá aproximar-se de São Marcelo e contemplar uma fralda do Menino Deus. Eu mesmo já tive nas mãos uma garrafa que se dizia conter o espírito do Espírito Santo, que se venerava em San Trontino.

– A igreja não tem por que culpar-se por isso – interrompeu Cameron quase incomodado pelo discurso agridoce do cardeal. – As relíquias cumpriram a função histórica para o cristianismo.

– Conjugou o tempo verbal na perfeição. No pretérito. As relíquias cumpriram a sua missão no passado. “Objectos expostos para sua veneração que servem para incentivar as crenças do Povo de Cristo.” Creio que as definíamos assim no último Concílio. – Fez uma pausa e sorriu, como recordando tempos melhores. – Nessa altura, as pessoas queriam acreditar, *professore*. Agora a fé cotiza em baixa. – Olhou-o nos olhos. – Hoje ninguém acredita em anjos.

Os dois homens guardaram silêncio. Cameron pensou que talvez Grazzianni tivesse razão, que a relíquia da pluma de um anjo não fazia nenhum sentido no mundo em que lhe tinha calhado em sorte viver.

– E o cabelo? – perguntou de repente. Quase o tinha esquecido. Queria saber se haveria uma possibilidade remota de o relacionar com a pluma.

– As análises ao cabelo dizem-nos que pertenceu a um homem. De vinte e um anos, extremamente saudável e forte. O possuidor do cabelo nunca fumou, não consumia álcool, tinha uma dieta livre de metais pesados e oxidantes... Um rapaz-modelo. Contudo, a sua análise de cariótipo deparou-nos com uma pequena surpresa, o seu cromossoma 21 estava triplicado.

Cameron compôs uma expressão de estranheza.

– Os médicos chamam-lhe trissomia 21. – Tentou explicar-lhe. – Síndrome de Down. O jovem que perdeu o cabelo tinha síndrome de Down.

– Há alguma relação possível entre o cabelo e a pluma?

Grazzianni sorriu condescendentemente.

– O senhor parece mais empenhado em encontrar um milagre que a própria Igreja, *professore* Cameron. O seu interesse honra-o como bom cristão. Mas lembre-se de que o que temos é uma pluma de ave. As plumas são estruturas mortas – Explicou. – Uma vez crescidas, não recebem mais nenhuma contribuição do corpo, além da fixação física.

– Uma pluma de ave desconhecida – murmurou o convidado.

– Concedo-lhe esse tanto, Cameron – reconheceu o clérigo cujo comentário não lhe tinha passado despercebido. – Mas é uma pluma de ave, ao fim e ao cabo. – Quis encerrar a questão.

Alguém bateu duas vezes com os nós dos dedos na porta do escritório, como num sinal combinado.

Grazzianni olhou para o seu relógio de pulso.

– O nosso tempo terminou – comunicou-lhe o cardeal. – Pode não acreditar, mas tenho uma agenda muito apertada. – Levantou-se da sua poltrona, fazendo-lhe ver com esse gesto que a reunião tinha acabado. – Vou acompanhá-lo até à saída – acrescentou amavelmente.

...

Sáiram da Biblioteca Vaticana, sede do Arquivo, atravessando o edifício dos Museus Vaticanos. No trajecto, Grazzianni mostrou-se interessado na opinião do seu convidado sobre o estado de saúde do catolicismo nos Estados Unidos. Cameron esclareceu-o, como tinha por costume fazer na presença de qualquer representante do clero, de que ele mesmo se considerava um católico desleixado e nada exemplar. Mas estava convencido de representar o padrão do católico médio americano. E acrescentou que, excepto na colónia irlandesa, não achava que se pudesse encontrar um católico medianamente apresentável no seu país.

– Deveria rezar mais, Cameron, isso fá-lo-ia perder essa camada de tão pouco credível cinismo que ostenta tão orgulhosamente – admoestou o cardeal.

– Eu tento, Eminência.

– Pois deixe de tentar e faça-o. A oração é a melhor vitamina para a fé. E para deixar de dizer palermices – resumiu abruptamente.

No futuro, o americano fez votos para mudar o seu discurso perante o clero.

Falaram também de política, da crise económica e das alterações climáticas, lugares-comuns quando os temas de conversa se esgotam.

Grazzianni despediu-se do visitante ao pé da espectacular escada desenhada por Giuseppe Momo.

– É magnífica – reconheceu o americano enquanto admirava o maravilhoso e extravagante desenho da escada em espiral do arquitecto italiano.

– Reconheço que não ficou nada mal, apesar de ser tão moderna<sup>11</sup> – concedeu o cardeal.

– O lavrado do varandim é muito bonito. – Cameron tinha um fraco pela arquitectura.

– O artista quis representar uma trepadeira, plantas e flores... supinho.

Então, Cameron sentiu como que um *flash* de luz no cérebro. Na retina dos seus olhos ficou congelada a imagem das flores de pedra lavradas na escada. E fez a pergunta:

– Havia vestígios de pólen na pluma de anjo? – Dois jovens sacerdotes que começavam a subir detiveram-se a olhar para ele um instante. Cameron quase tinha gritado a pergunta.

– Como disse? – Grazzianni cravou o olhar nos sacerdotes que, de imediato, seguiram o seu caminho.

---

<sup>11</sup> A escada-rampa em espiral de Giuseppe Momo foi construída em 1932.

– Encontraram vestígios de pólen na pluma de anjo, não foi?

Os dois homens permaneceram em silêncio, olhando fixamente um para o outro, um instante eterno, como as pedras que os rodeavam.

– Falei demasiado consigo esta manhã – disse, por fim, o cardeal.

– E vou lembrá-lo de que já não estamos no meu escritório. – Estendeu-lhe a mão para se despedir. – Se me permite um conselho, visite Sant’ Ignazio, desfrute dos frescos de Andrea Pozzo e não deixe de rezar diante do altar-mor. Costuma ter um dos melhores arranjos florais de Roma. Espero que tenha um bom dia na nossa cidade, dê cumprimentos meus ao seu irmão e diga-lhe que o nosso saldo voltou a estar a zeros. *Arrivederci.*

Cameron saiu para a rua. Dirigia-se ao ponto onde tinha concordado ser recolhido por Lanza, quando viu o *Mercedes* preto da embaixada virar a esquina e deter-se com suavidade à sua frente. O professor entrou no automóvel antes de o motorista poder sair para lhe abrir a porta.

– Para Sant’ Ignazio. Pode voar outra vez, se for preciso – permitiu.

– Não fará falta nenhuma, *signore*. O restaurante onde o embaixador reservou a mesa fica muito perto de Sant’ Ignazio. Se a sua visita for rápida, não haverá problema.

– Confio que seja uma visita muito rápida. – Ou, pelo menos, assim o esperava.

Atravessou em passadas largas a nave central do templo. Não fez caso algum do conselho de Sua Eminência e não olhou uma única vez para o tecto da igreja de Sant’ Ignazio como fazia nesse momento um grupo de disciplinados turistas japoneses, pelo que não pôde apreciar o soberbo fresco de Andrea Pozzo.

Ajoelhou-se no primeiro banco do altar-mor e os seus olhos encheram-se do amarelo das maravilhosas flores que adornavam o altar. Sentiu-se estranhamente sereno. Como se de repente compreendesse tudo, sem entender nada.

– *Sono bei, verità?*

Cameron sobressaltou-se, não tinha notado a proximidade do velho sacerdote que o olhava como olhos húmidos e desenhando no rosto um amável sorriso.

– Refere-se às flores, padre?

– Sim. As flores. São muito bonitas. A Virgem adora estas flores – respondeu-lhe com segurança observando o altar.

– Que tipo de flores são, padre? – perguntou, embora julgasse já saber a resposta.

– *Campanulas virginalis*, campainhas-da-Virgem. Só crescem na Terra Santa, em Jerusalém. Trazem-nas até nós todos os anos graças ao cardeal Grazzianni. Um presente para a Virgem de Sant’ Ignazio. São lindas, não são?

O restaurante chamava-se *Da Patricia e Roberto del Pianeta Terra* na Via Arco del Monte, no distrito de Campo di Fiori. Segundo o seu irmão, acabava de lhe desvendar “o restaurante mais divertido, moderno e *trendy* do momento. Porém, com a melhor carta tradicional de Roma.” Conhecendo os gostos de Madoc, poderia apostar que era também um dos mais caros da Cidade Eterna.

Ali estavam sentados os dois, frente a frente, ainda sem discutir. Os seus pais teriam adorado aquela cena.

O mais velho dos Cameron teve de reconhecer que o aspecto do seu irmão era magnífico. Emagrecera desde a última vez que se tinham visto. Já tinham passado cinco anos, por isso, podia ter engordado e emagrecido tantas vezes que devia ter o cu cheio de estrias, pensou Sebastian, quase com malícia. Tinha um ligeiro bronzeado, que lhe dava um aspecto saudável ao rosto, e o cabelo molhado.

– Ainda tens o cabelo húmido. – Não conseguiu resistir. – Se a Monica descobre que tens uma aventura em Roma, o teu casamento será um banquete para leões, como os antigos cristãos no circo.

Madoc soltou uma sonora gargalhada. Não era fingida. Via-se que estava feliz por estar com ele.

– Sebastian, Sebastian. Sempre tão observador. Acabo de jogar golfe e acabo de tomar duche no ginásio do clube. Mas também não contes à Mónica, arruinaria a minha reputação. Está convencida de que trabalho catorze horas diárias.

– Os senhores já escolheram? – O *maitre* tinha-se plantado à frente da mesa de ambos. Cabelo preto encaracolado e untado, sobranceiras fartas, um bigode generoso com as pontas ligeiramente levantadas e uma dentadura perfeita.

– Deixa-te guiar por mim, irmão, e não esquecerás esta refeição por muito tempo – quase ordenou Madoc enquanto abria a grande carta do restaurante com o *maitre* atrás de si. – O senhor e eu vamos começar por partilhar o *antipasto* da casa. Mario, seja generoso com os choquinhos, as anchovas, os corações de alcachofra e as azeitonas pretas – pediu ao chefe de sala, que anotava solícitamente o pedido. – Vamos também provar uma porção de *suppli*. – Afastou o rosto da carta para olhar para o irmão. – São uns croquetes de arroz frito recheados de *mozzarella* que nunca peço quan-



do almoço com o Grazzianni para não alargar a sua estadia no purgatório.  
– Esclareceu em jeito de explicação e piscando o olho.

– *Coda alla vaccinara* para o segundo prato, *signore* embaixador? –  
Adiantou-se o *maître*.

– Claro. O meu irmão não pode ir embora de Roma sem provar a especialidade da casa. Rabo de boi com tomate. A Patricia e o Roberto, os donos do restaurante, dizem que por isto perde-se o jubileu, mas que vale a pena. – Chegou a enternecer o irmão, parecia estar verdadeiramente feliz por estar com ele, quase a raiar a euforia. – E deixa um espaço para a sobremesa, Duplo C, tens de provar um pedaço de *Crostata di ricotta*. O rei das sobremesas de Roma, tarte de queijo recheada de ricotta, marsala e limão.

– O seu *chianti* e um pouco de *bruschetta*<sup>12</sup>? – Continuava a sugerir impiedosamente o *maître*.

– Sim, sim, Mario. Bravo, uma garrafa desse magnífico *chianti* e vamos dar cabo da dieta com um pouco de pão. A gula é o último pecado que nos sobra a dois velhos gladiadores como o meu irmão e eu – respondeu enquanto pegava na mão de Sebastian e a apertava com força.

Cameron pensou que devia ser a magia de Roma que a ele também o fazia sorrir quase porque lhe apetecia. Noutras circunstâncias, teria vomitado diante de tantas demonstrações de ternura por parte do irmão.

– Estás com um aspecto fantástico, Sebastian – disse enquanto tirava o seu telemóvel do bolso do casaco e o deixava em cima da mesa. – Usas telemóvel? – perguntou.

– Sim. Sou um bruto antiquado, mas uso telemóvel.

– Deixa-me vê-lo – pediu.

Sebastian entregou-lho depositando-o na palma da sua mão. A sua docilidade surpreendia-o profundamente. Ainda não tinha começado a beber. Algum tipo de droga em aerossol no ar condicionado? Madoc fez um sinal ao *maître* que acorreu como um cachorro amestrado.

– Guarde-os, Mario. Devolver-nos-á à saída. Não quero nenhum tipo de interrupção durante esta refeição com o meu irmão.

O chefe de sala levou os dois telefones com um sorriso e uma ligeira inclinação.

– Mac, isto é ridículo, bastaria tê-los desligado...

– Merda para a tecnologia invasiva – disse, veementemente – Nada interromperá o nosso reencontro. – E levantou um copo de *chianti*, que o escanção acabava de lhes servir, em jeito de brinde.

O almoço decorreu de forma agradável e luminosa. Sebastian recordaria depois que até se rira duas vezes. O seu irmão tinha mudado. Teve de

---

<sup>12</sup> Bruschetta: rabanada de pão quente com alho, azeite e tomate natural.

reconhecer que era um conversador admirável, brincalhão e sedutor. Ou talvez tivesse sido sempre assim? Não se lembrava de ter dado tanta atenção a Madoc desde que o operaram à apendicite quando tinha sete anos. E isso porque chegou a pensar que poderia herdar a sua bicicleta e o seu taco de basebol.

Inclusive, num momento do almoço, chegou a notar uma picada na garganta, pela altura em que os seus olhos se humedeciam. Pôs a mão sobre o copo quando o camareiro tentou enchê-lo pela enésima vez. Não conseguiu evitar que o irmão pagasse a conta. Nem que Patricia e Roberto, os donos, um casal encantador, se sentassem à mesa a partilhar com eles um esplêndido café e uma garrafa de *Grappa* que acabou por destruir o último resquício de actividade neuronal que havia no seu cérebro.

Não conseguiu evitar comprometer-se a jantar em casa dele, com Monica e as meninas, enquanto viajava no banco de trás do *Mercedes* blindado rumo ao seu hotel. “Preciso de uma sesta se queres que seja alguém esta noite ao jantar, Mac.”

Estendeu-se na cama sem tirar os sapatos. Teve sonhos estranhos com monges, anjos e flores amarelas.

Massimo Lanza deixou-o na manhã seguinte no terminal internacional de Fiumicino. Despediu-se dele como o tinha recebido, apertando-lhe a mão direita, e com a sua esquerda segurando-lhe o antebraço. Cameron voltou a divertir-se com o gesto do motorista. Talvez porque não se tinha dado conta de que, enquanto lhe apertava a mão, também lhe estava a tirar uma minúscula sinalização GPS que lhe tinha colocado quase vinte e quatro horas antes, com o mesmo gesto, ao recolhê-lo no aeroporto.

O seu telefone vibrou quando a amável hospedeira da Alitalia lhe entregava o seu cartão de embarque. Cameron sorriu duas vezes, uma à belíssima auxiliar italiana e outra ao ecrã do seu telemóvel ao reconhecer o número da doutora Recasens.

– Reconheça, não pode viver sem mim. Não tenha vergonha, costume produzir este tipo de dependência em todas as mulheres que conheço – disse-lhe em jeito de saudação.

– Tenho a tradução da tatuagem do monge – atirou, quase cortante, mas na sua voz Cameron conseguiu detectar uma nota de nervosismo.

– Estou preparado para quase tudo, dispare. – Alejandra seria um osso duro de roer.

– Tinha razão, era aramaico – reconheceu. – Um aramaico muito anti-

go. Mas os meus peritos conseguiram traduzi-lo. – Novamente no seu tom triunfal e seguro.

– Um homem culto, o nosso monge, e não renunciava a nenhum sacrifício para levar adiante as suas trifulhices – admitiu. – E o que diz a mensagem que ele trazia debaixo do braço? Amor de mãe? Deus é a salvação, ou algo assim?

– Receio que se trate de uma mensagem nada convencional e eu defini-la-ia como pouco tranquilizante. – Fez uma pausa estudada, ela também sabia dramatizar as situações, se a tal se propusesse. – A tradução das escarificações diz o seguinte: “O Fim do Mundo, no Quinto Dilúvio, da Cabeça do Diabo, duas vezes mil e treze.”

Cameron guardou silêncio. Se precisava de mais uma peça naquele complicado quebra-cabeças, o significado da tatuagem era um magnífico final de festa.

– Estou no aeroporto de Fiumicino prestes a embarcar. Gostaria de reflectir sobre este último enigma consigo em Madrid – propôs-lhe.

– Eu sou a médica forense, o senhor é o investigador. Desejo-lhe um bom voo. – E desligou.

O historiador embarcou vinte minutos mais tarde. Sentou-se no seu amplo assento de classe *business* e adormeceu antes de descolar. Desta vez, não sonhou com nada. Os ansiolíticos costumam propor sonhos vazios.

## CAPÍTULO VII

### AQUELA NOITE DE 36 NA IGREJA DE SÃO FILIPE E SÃO TIAGO

Capita VII. N.S.B.a. *Exorcismo e morte do monge ladrão, tentado e possuído por Satanás. Os viajantes dão-lhe sepultura na Ilha, cumprindo-se assim um dos sonhos premonitórios de Brendanus.*

– Deixaram isto para si aqui na recepção, senhor Cameron. – A recepcionista do Palace entregou-lhe um envelope plastificado com o logótipo da transportadora de correio MRW que lhe era dirigido.

– Obrigado – disse-lhe enquanto recolhia o pacote com a sua mão livre; há uns segundos tinha impedido que um pacote arrastasse o seu trólei. – Quando é que o trouxeram?

– Ontem, quando estava de viagem a Roma. – A rapariga era amável e tinha um sorriso perfeito.

Cameron avaliou o peso do envelope na sua mão. Parecia conter uma pasta pequena e fina. Supôs que fosse da produtora. Tinha-lhes pedido fotografias ou um vídeo das localizações que estavam a realizar. Sentiu uma pontada de má consciência. Ofereceu também um sorriso à recepcionista e dirigiu-se para os elevadores, fazendo deslizar o trólei pela espessa alcatifa do *hall* do hotel.

Entrou no seu quarto e descalçou-se. Sentiu-se libertado e com aquela agradável sensação que temos ao chegar ao lar, embora o placebo fosse um quarto de hotel. O telemóvel tocou.

– Detective Cameron? – A voz amiga e zombeteira de Alejandra. Parecia muito mais relaxada que no dia anterior.

– Doutora, é um prazer voltar a ouvi-la. Por um momento, temi que não voltasse a entrar em contacto comigo antes do fim do mundo.

– Desculpe, ontem não fui muito amável consigo ao telefone. Tive um dia de trabalho horrível para terminar com a tradução de uma men-

sagem esquizofrénica. – Aquele parecia, desde logo, um tom mais amável e caloroso.

– Não se preocupe, a sua voz é sempre música celestial para mim, independentemente do seu estado de ânimo. E também não dei importância nenhuma à mensagem do monge. – Mentiu nas duas afirmações. – Aquele tipo não devia passar de mais um pobre louco iluminado capaz de se automutilar para deixar citações apocalípticas. Não devemos dar-lhe mais importância do que tem – tentou resumir, com falsa segurança.

– Pois. Tenho mais resultados, desta vez sobre as análises grafológicas que me pediu às mensagens no caso do homem do marcador vermelho.

– Não me diga que era o Batman quem me deixava as mensagens – respondeu.

Ouviu o seu riso perfeito do outro lado do telefone. Ele também riu enquanto iniciava um surdo combate com o envelope plastificado da MRW, tentando abri-lo.

– A fotocópia dos classificados do *ABC* e o folheto da exposição “Madrid Romano” foram sublinhados pelo mesmo marcador – Informou-o. Cameron conseguiu rasgar o envelope plastificado e retirou o conteúdo. Outro envelope, mais pequeno e de papel encerado, que parecia conter algo no interior. – O marcador foi utilizado nas duas ocasiões – prosseguiu Alejandra –, pela mesma pessoa, um homem, com taxa de fiabilidade de noventa e oito por cento.

Cameron retirou a caixa de DVD que havia dentro do envelope. A capa de papel tinha uma mensagem: “Não temos muito tempo”. Estava escrito com marcador vermelho.

– Há possibilidade de se escapar esta manhã ao seu trabalho para ir ao cinema comigo? – perguntou o professor, enquanto comprovava que dentro da caixa havia um DVD. – Receio que seja um convite do nosso amigo do marcador vermelho.

– Quando é que o recebeu? – Perguntou Alejandra, sentada com as pernas cruzadas sobre a cama de casal frente ao televisor plasma da suíte de Cameron. O vídeo estava ligado e o ecrã cheio de neve.

– Entregaram-mo na recepção esta manhã. Chegou enquanto eu estava em Roma – respondeu-lhe, enquanto acabava de secar a cabeça com uma toalha, após ter tomado um duche de poucos minutos antes da chegada da doutora.

– Ainda não o viu?

– Não. Queria ir à estreia consigo.

– Como correu em Roma?

– Conto-lhe ao almoço. Damos início à sessão? – disse, enquanto se sentava junto dela, a uma distância correcta, brandindo o comando do vídeo.

– Faça favor – respondeu-lhe, a sorrir.

Cameron accionou o comando à distância. A neve desapareceu e no ecrã apareceu a figura de um homem muito idoso. Estava sentado numa cadeira de rodas, a olhar para a câmara. Tinha um cateter de soro no braço direito, uma máscara de oxigénio pendurada por baixo do queixo. Estava vestido com um confortável roupão de seda; debaixo, parecia usar um pijama. O ambiente não parecia um quarto de hospital. A gravação fora feita num inquietante plano fixo, mal iluminado, obra de um aficionado do vídeo. A câmara parecia repousar sobre um tripé. Na esquina inferior esquerda do fotograma aparecia, em impressão sobreposta de cor alaranjada, a data, 20 de Maio de 2007. Tinha sido gravado há pouco mais de um ano.

– Chamo-me Germinal Sánchez Saavedra. – Falava com dificuldade, pigarreou um par de vezes para aclarar a voz. – Estive na noite de 18 de Julho na Igreja de São Filipe e São Tiago, em Cobisa.

O eco da ainda longínqua tempestade reverberava entre os muros de pedra da igreja.

O homem mais idoso continuava a remexer na talocha a mistura de areia e cimento que estava prestes a endurecer. Germinal, o seu jovem acompanhante, acabava de empilhar os tijolos com os quais ergueriam a parede falsa. Transpirava copiosamente, não sabia se devido ao esforço de acarretar os tijolos, por medo, ou por ambos os motivos ao mesmo tempo. Olhou de relance o vulto envolvido numa manta que protegia a escultura da Virgem. Tinha acabado de o depositar no vão daquilo que seria a parede falsa, preparada e pronta para ser emparedada.

Sorriu para si mesmo. A princípio, não tinha gostado do plano do padre. Aquilo de emparedar uma Virgem assemelhava-se-lhe quase a um pecado. E ele, como bom falangista, não era precisamente um beato. Mas depois entendeu que era a melhor forma de proteger a padroeira da aldeia. Há dois meses que o alcaide tinha proibido o culto, depois de uma tentativa de incendiar a igreja. “Para evitar males maiores”, como tinha argumentado ao pároco o assustado presidente da câmara, um bom homem, afiliado à Esquerda Republicana, mas ultrapassado pelos acontecimentos.

Germinal reconhecia agora que ajudar Don Nicolás, o padre, tinha sido uma boa ideia. Era correcto esconder a figura da padroeira. “A Virgem da sua aldeia não seria feita em cacos pelos encarnados”, sentenciou no seu pensamento.

– Isto já está – disse em voz baixa Don Nicolás quando notou que a mistura de argamassa estava bem ligada. – Podemos começar quando quiseres, Germinal.

Nesse momento, a porta da igreja pareceu querer partir-se com o impacto de um golpe seco e tremendo, que ressoou com estrépito entre as paredes do templo, no silêncio da noite.

Germinal sentiu que o coração lhe saía pela boca, mas ainda assim levou a mão direita rapidamente ao cinto para sacar da *Astra* de cano curto que usava entre a camisa e as calças. Se vinham atrás deles, o padre e ele não haveriam de partir sozinhos. Don Nicolás parecia, contudo, mais calmo; por algum motivo, tinha sido capelão castrense em África. E, além do mais, pareceu a Germinal que os padres tinham mais interiorizada a ideia de serem mártires, e encaravam a morte, na sua maioria, com muita dignidade.

O sacerdote, que não deixava de olhar para a porta, fez ao seu ajudante um rápido sinal com a mão, para que não sacasse da pistola. E com o dedo indicador, levando-o à boca, indicou-lhe que fizessem silêncio. Passaram uns segundos eternos. O sacerdote e o jovem falangista esperavam a segunda investida contra a porta, a que faria saltar o ferrolho por entre lascas de madeira, permitindo a entrada de uma horda de homens armados.

Mas nada aconteceu.

Apenas o eco da tempestade, que parecia aproximar-se, soava fora das paredes da igreja. Germinal voltou o seu olhar nervoso para a sacristia. Talvez estivessem a cercar o edifício e pretendessem entrar pela pequena porta traseira, mais frágil e quebradiça.

Mas o interior do templo permanecia em silêncio. E a rua também. Passaram os minutos.

– Vou ver o que aconteceu à porta. Esconde-te no confessionário – ordenou o sacerdote.

O jovem entrou no confessionário furtivamente. Sacou da pistola e desengatou a patilha de segurança.

– Germinal! – chamou com urgência Don Nicolás, que por momentos tinha perdido toda a cautela e lhe gritava da porta. – Vem cá, há um homem ferido!

O homem, vestido de monge, estava aninhado no vestíbulo da porta. Aturdido, parecia emitir uns gemidos fracos. Entre os dois, carregaram o frade e introduziram-no na igreja. Don Nicolás, enquanto Germinal voltava a selar o templo, acomodou o ferido sobre uma manta velha, em frente ao altar-mor. Seguidamente, pediu ao jovem que acendesse umas velas para inspeccionar melhor a ferida.

– Deve ter desmaiado contra porta, daí o golpe que sentimos – concluiu Germinal.

O religioso inspeccionava a ferida abrindo-lhe com cuidado o hábito. Tinha um corte muito feio por debaixo da clavícula. A Don Nicolás pareceu um golpe de baioneta, tinha perdido muito sangue. Ao apalpá-lo, o monge abriu os olhos e compôs uma expressão de dor.

– *Aqua... aqua...* – pediu o ferido, com ansiedade.

– Irmão, irmão, consegues ouvir-me? – O clérigo tentava evitar que voltasse a perder a consciência.

– *Aqua...* – voltou a pedir.

Germinal trouxe um copo de água do diminuto lavabo que havia na sacristia. O ferido bebeu-o em grandes goles e a ferida voltou a sangrar. Então, Don Nicolás, que tinha dado a extrema-unção a muitos soldados em terras de África, soube que aquele homem ia morrer.

– Quem é que o atacou? – perguntou o sacerdote.

O monge não respondeu, os seus olhos semicerravam-se.

– *Quis eum agredit*<sup>13</sup>? – voltou a perguntar-lhe, desta vez em latim.

Temia que os seus atacantes fossem pistoleiros descontrolados ou milicianos, naquelas circunstâncias era igual, e que estivessem à sua procura para acabar o trabalho.

O ferido abriu os olhos então, olhou-os sem os ver, como que espantado.

– *Custodiate librum angelique pennam*<sup>14</sup> – disse entre profundos suspiros, enquanto agarrava com força a humilde e volumosa sacola de pele que trazia consigo. – *Debeo est me revertare in celum. Insula venturi saeculi*<sup>15</sup>.

– Mas o que está ele a dizer? – perguntou Germinal com uma ponta de angústia.

– *Qui impetum lecerum eum hinc prope sunt? Eum secutus sunt*<sup>16</sup>? –

Don Nicolás preocupava-se agora com a sua vida e a do seu ajudante, já que pelo infeliz monge pouco podia fazer.

O frade fixou os seus olhos no tecto de madeira da igreja. O seu rosto iluminou-se de repente e na sua boca desenhou-se um doce sorriso.

– *Domine...* – sussurrou, e o seu olhar vidrou-se com o véu da morte. A sacola, livre da pressão das suas mãos, deslizou suavemente para um lado. O pároco deu-lhe uma rápida extrema-unção e fechou-lhe as pálpebras com suavidade. O semblante do monge estava cheio de paz.

– Agarra-o pelas pernas – disse a Germinal, enquanto se levantava.

– O que dizia ele e o que vamos fazer com este homem? – O jovem tinha a sensação de que tudo estava a correr irremediavelmente mal.

---

<sup>13</sup> Quem é que o atacou?

<sup>14</sup> Guardai o livro e a pluma do anjo.

<sup>15</sup> Eu tenho de regressar ao Paraíso. À Ilha do Fim do Tempo.

<sup>16</sup> Os que o atacaram, estão perto daqui? Seguiram-no?



– Ele estava a delirar, as pessoas quando deliram dizem qualquer coisa – falava a voz da experiência –; vamos metê-lo no buraco da parede – respondeu, decidido.

Depositaram o corpo do monge junto ao embrulho que continha a imagem da Virgem das Angústias.

– Não podia estar em melhor companhia – deduziu o sacerdote.

Germinal pensou que o padre tinha razão. Pouco mais podiam fazer por aquele infeliz, além de o deixar descansar em solo sagrado junto da padroeira da aldeia. Quando tudo tivesse acabado, retirá-lo-iam dali e enterrá-lo-iam como Deus manda. Apesar do sepulcro que lhe tinham improvisado, o frade não se podia queixar: ele recordava dos seus estudos que em solo sagrado só repousam reis, nobres, cardeais ou bispos. Por isso, afinal, o monge até tinha subido bastante de escalão.

Revistaram a sacola do monge, que Germinal guardou como recordação. No seu interior estava o livro mencionado pelo moribundo. Don Nicolás leu o seu título em latim: *Navigatio Sancti Brendani abbatis*. Não tinha muitos conhecimentos de paleontologia, mas, pelo aspecto, parecia um livro antigo, e, sendo assim, era um códice. Entre as brumas da sua memória vieram-lhe recordações do seminário de Teruel. O *Navigatio* era um texto escrito por monges, concluiu. Tinha-o estudado muito por alto. Ele sempre tinha gostado muito mais de São João da Cruz. Sentiu-se incapaz de retirar mais conclusões das suas memórias. Em qualquer caso, era um livro religioso e em latim. O passaporte perfeito para acabarem cheios de chumbo numa sarjeta, caso fossem detidos ou perseguidos por um grupo de milicianos.

Entregou o códice ao jovem falangista pedindo-lhe que o envolvesse numa manta e que o deixasse junto ao corpo do seu legítimo dono. Ou, pelo menos, do seu legítimo portador. Enquanto o seu ajudante embrulhava cuidadosamente o livro, o sacerdote contemplava o frasco de vidro e o seu curioso conteúdo: uma pluma e aquilo que parecia ser um cabelo loiro, com uma nota escrita em latim: “Pluma e cabelo de anjo encontrados no Santo Sepulcro de Nosso Senhor Jesus Cristo no terceiro dia da sua ressurreição e ascensão aos Céus”, traduziu o sacerdote enquanto lia o texto que parecia escrito num pedaço de papiro.

Tentou lembrar-se de que mosteiro existia nos arredores de Cobisa. Aquele monge devia ter fugido de algum convento próximo transportando aquelas relíquias para as proteger.

– E aquilo, padre? O que fazemos com o frasco e a pluma? – perguntou-lhe Germinal com uma ponta de nervosismo, uma vez que ainda tinham muito trabalho pela frente antes de amanhecer e o monge e todo o seu equipamento os estavam a atrasar.

– O mesmo que com o frade – respondeu, laconicamente, sem querer fazer juízos de valor sobre o comentário do jovem ajudante. Teria dado um braço para conservar a pluma de anjo consigo, mas teria representando o mesmo risco que o livro. Além disso, o monge tinha-lhes pedido, no transe da morte, que guardassem o livro e a relíquia. E naquele momento não lhe ocorria melhor esconderijo que aquela parede falsa que estavam prestes a construir na igreja de Cobisa.

Às seis da manhã, tinham acabado de erguer e tapar a parede. Correram as longas cortinas toscas que tinham confeccionado para o efeito e a parede falsa ficou oculta aos olhos de qualquer curioso.

Atrás das espessas cortinas, a parede iria endurecendo e secando. Em poucos dias, faria parte do cenário da igreja.

A Virgem, o livro, a pluma e o monge estariam seguros até que chegassem dias menos tumultuosos. Nessa altura, poderiam resgatá-los da sua reclusão provisória e bem-intencionada.

A tempestade continuava a aproximar-se. Limparam ciosamente os restos da obra, os rastros de sangue, e deixaram o templo sem sinal algum do que se havia passado naquela agitada noite. Estavam esgotados, mas tinham conseguido realizar o trabalho a que se tinham proposto: salvar a estátua da padroeira da aldeia da fúria iconoclasta que parecia crescer em Espanha naqueles tempos revoltos. Talvez, pensou Don Nicolás, o levantamento militar de que tinham tido notícias naquela mesma manhã fizesse com que as águas regressassem ao leito e serenasse os ânimos de uma classe política enlouquecida. Embora não estivesse muito certo das suas previsões.

– Temos de ir, Don Nicolás – aduziu o rapaz arrancando-o às suas profundas cogitações.

– Sim. Devíamos ir. Ainda nos falta uma boa caminhada até Toledo – respondeu-lhe o sacerdote dando uma última vista de olhos ao templo para comprovar que estava tudo em ordem.

Germinal pendurou alegremente o bernal do monge ao ombro. Se tudo corresse bem, no dia seguinte estaria em Madrid com a sua centúria, disposto a entrar em acção.

Entre os dois, apagaram as últimas velas que os tinham iluminado no seu trabalho. Na porta, o religioso fechou o quadro eléctrico, apagando as lâmpadas mortícias do altar-mor; abriu o ferrolho, e dispuseram-se a escapular-se entre as últimas penumbras da noite. Quando se dispunham a atravessar o arco da porta, o clarão de um raio iluminou a praça da aldeia, seguido de um estampido seco e hórrido. E ali, diante deles, entre as colunas do pórtico do templo, recortou-se nitidamente, à contraluz leitosa do raio, a figura escura e colossal de um monge.

Don Nicolás ficou preso ao chão diante da repentina e fantasmagórica

aparição e Germinal esteve prestes a cair sobre as nádegas ao dar um passo atrás e tropeçar no vestíbulo da porta.

– Onde está o frade? – perguntou o gigante recém-chegado com voz rouca e profunda.

Alejandra e Cameron estavam sentados sob a fresca sombra de um chapéu-de-sol do café Oriente, junto à praça do mesmo nome, em frente ao Palácio Real. Ela tinha pedido uma limonada, ele um café com gelo. A doutora tinha começado a ler o relatório que tinha preparado no ecrã do seu computador portátil.

– Germinal Sánchez Saavedra, falangista de primeira ordem, tinha efectivamente dezasseis anos em 1936. Esteve entre os primeiros defensores de Alcázar, por isso, a sua história sobre a noite de Cobisa é sustentável. Sabia que o pai do rapaz era anarquista?

– Então o rapaz saiu tão rebelde como o pai. Geracionalmente coerente – admitiu o americano enquanto quebrava um cubo de gelo com os dentes.

– Saiu com vida do cerco da Academia de Artilharia de Toledo. Como Don Nicolás Carrera Olmedo. Comprovámos que foi pároco em Cobisa desde 1931 a 1936. Também estive com os sitiados de Alcázar, o que também torna verosímil a história de Germinal.

– O que aconteceu depois ao nosso estranho par?

– Continuaram juntos nos primeiros meses da guerra. Os seus destinos separar-se-iam definitivamente poucos meses depois. Segundo os meus relatórios, na primeira batalha de Teruel... – Alejandra pareceu duvidar.

Cameron olhou-a e franziu o sobrolho por trás dos óculos de sol.

– Teruel teve duas batalhas. Na primeira, foi tomada pelos republicanos e, na segunda, poucas semanas depois, foi recuperada definitivamente pelos nacionalistas – esclareceu a doutora. – Vocês deviam actualizar a vossa História, quando muito para não a repetirem.

– Muito obrigada, senhor historiador – respondeu-lhe, cortante. – Posso continuar?

– Desculpe, às vezes ostento um deplorável sentido de humor sueco.

Notou o olhar gélido de Alejandra por cima dos seus óculos de sol. Talvez não devesse voltar a tentar a sua sorte. Relaxou dando um novo gole no seu café gelado.

– Ambos, o sacerdote e o falangista, alistaram-se no exército rebelde, depois da libertação de Alcázar – prosseguiu a doutora. – Don Nicolás foi nomeado capelão castrense da 52ª Divisão acantonada em Teruel e Germinal conseguiu a estrela de alferes por méritos de guerra. O acaso

fez com que voltassem a juntar-se em Teruel sob o comando do coronel Rey D'Harcourt, nomeado governador da praça militar pelo governo de Burgos.

– Os nossos dois amigos tinham uma inclinação insana para os cercos.

– Sim – reconheceu a doutora –, embora o cerco de Teruel terminasse pior para eles que o de Alcázar. As forças escassas de D'Harcourt não conseguiram resistir à ofensiva massiva do exército da República. A 52ª Divisão foi massacrada. O padre morreu no reduto do Seminário. Sabia que Don Simón começou a estudar para sacerdote nesse seminário? – perguntou-lhe, erguendo da vista do ecrã do computador.

– A vida está cheia de paradoxos e de círculos que se encerram – respondeu Cameron, levantando a mão para atrair a atenção de um empregado ocioso. Chegara a altura do segundo café gelado.

– Germinal foi mais duro de roer, resistiu com os últimos defensores de Teruel no reduto do Convento de Santa Clara. Aí, foi feito prisioneiro. Só foi libertado aquando da entrada das tropas de Franco em Barcelona, praticamente no fim da guerra. Deu baixa no exército dois anos mais tarde. Conseguiu um cargo de funcionário no Ministério das Finanças... e perde-se o rasto dele até princípios dos anos oitenta.

– Como?

– Em 1982, com sessenta e dois anos pede uma reforma antecipada no ministério e, de repente, fica milionário. Converte-se num mago da bolsa e da especulação imobiliária, com quase setenta anos. Esteve muito perto do poder naquela época. Inclusive, os meus rapazes receberam uma chamada do CIS quando investigavam e relacionavam determinadas pistas. Germinal é ainda um assunto secreto; o que lhe parece?

– Começo a perder a minha capacidade para me surpreender em todo este assunto. – reconheceu o historiador. – Não é possível que estejamos perante uma montagem? Que a gravação tenha sido manipulada, ou algo do género?

– Os meus técnicos garantiram-me que é uma gravação original. A data que aparece no ecrã é real, não há vestígios de manipulação.

– Como podemos ter certeza de que o Germinal que aparece nas filmagens é realmente o nosso Germinal?

Alejandra digitou algo no seu computador e voltou-o, mostrando o ecrã a Cameron.

– A foto da direita é uma foto do Germinal em 1939, cortesia do Arquivo do Ministério da Defesa.

Cameron pôde observar o rosto juvenil e cheio de vida de um jovem em uniforme, um alferes de dezanove anos.

– Agora verá uma sequência de sete fotos – continuou a forense. – O

rosto da nossa testemunha foi submetido a uma projecção de envelhecimento com um programa informático desenvolvido pelo meu instituto. Cada foto simula um envelhecimento de dez anos no rosto de Germinal. – A sequência de fotogramas foi passando diante dos olhos de Cameron. Pôde comprovar como o rosto juvenil do soldado se endurecia, amadurecia, perdia cabelo e, finalmente, se enrugava. – Os meus técnicos não conheciam o vídeo que você e eu visionámos, por isso, desconheciam o aspecto real do nosso amigo com oitenta e sete anos. Tem o último fotograma no ecrã, o de Germinal com o aspecto que teria tido aos oitenta e nove anos?

Cameron assentiu com a cabeça.

– Prima o tabulador, por favor – pediu-lhe a doutora.

Junto à fotografia da simulação de envelhecimento, apareceu congelado um plano do vídeo que tinham visionado há uma semana no quarto do hotel. Um primeiro plano do velho Germinal. Eram duas gotas de água.

– Espantoso – reconheceu Cameron quase num murmúrio, com o olhar fixo no ecrã.

– Confirmámos que Germinal Sánchez Saavedra morreu em finais de Julho de 2007, apenas um mês depois de realizar a gravação do vídeo com o seu testemunho.

– Como é que ele morreu? – Talvez fosse a última pista.

– Insuficiência respiratória e colapso generalizado de todo o seu sistema vital. Morte natural. A nossa misteriosa testemunha morreu de velhice.

– Talvez devêssemos pôr o caso nas mãos da polícia – admitiu.

– Está nas mãos da polícia desde que especifiquei como causa do falecimento do presumível monge “ferimento por agressão com objecto inciso-perfurante”. Todas as mortes violentas são por norma investigadas pela polícia.

– Eles chegaram a alguma conclusão à qual nós não tenhamos chegado?

– Negativo. As impressões digitais da múmia não permitiram a sua identificação. Localizámos os familiares de três religiosos desaparecidos sem deixar rasto em 1936 e que, pela sua idade, poderiam coincidir com o nosso frade. Os seus testes de ADN não coincidem com o do nosso monge. Contudo, comprovámos que as impressões digitais do defunto Germinal Sánchez Saavedra são as impressões de “Cobisa Três”. O tipo esteve lá naquela noite.

– E se ele nos está a mentir? E se o seu testemunho não passa de uma sucessão de patranhas?

– Os nossos peritos analisaram e processaram a gravação centenas de vezes. Dada a linguagem corporal de Germinal, e pelos movimentos da sua pupila, sabemos que não mentia.

– Porque não desvendou antes o mistério que aquela parede escondia?  
– Talvez por medo que o acusassem de um crime que não cometeu – a doutora encolheu os ombros –, mas não creio que alguma vez tenhamos a resposta a essa pergunta.

Ficaram os dois em silêncio.

– Só sei que nada sei – Cameron parafraseou o filósofo grego.

– Na minha opinião, estamos um pouco melhor que antes – disse-lhe Alejandra sorrindo. – Identificámos duas pessoas que estavam na igreja de Cobisa naquela noite. Sabemos o que se passou naquela noite no templo. E sabemos que, por fim, intervém um segundo monge que procurava o primeiro.

– Daria uma perfeita mãe de família numerosa com esse optimismo, doutora. Transformar os problemas em oportunidades. – Voltou a tomar um longo gole de café. – Acha que a investigação da polícia poderá chegar mais longe? – Uma tentativa desesperada de avançar nalguma direcção.

– Tecnicamente, o caso está encerrado, Sebastian – Reconheceu Alejandra. – Nunca saberemos quem atacou o monge nem porque o fez. O mais provável é que nunca conheçamos a identidade de nenhum dos frades envolvidos no caso. – Fez uma pausa e pareceu olhá-lo fixamente por trás dos seus óculos de sol. – A não ser que...

– A não ser que o quê? – disparou, impaciente.

– Que o seu amigo, o misterioso homem do marcador vermelho, queira continuar a dar-lhe pistas.

– Acha que pode ser ele o assassino? – Era algo que lhe vinha a rondar-lhe a cabeça há já alguns dias.

– O assassino, se ainda for vivo, poderá ser um nonagenário. O traço do marcador corresponde ao pulso de um homem mais jovem.

– E acha que voltará a entrar em contacto comigo?

– A minha intuição feminina diz-me que sim. – O seu rosto iluminou-se com um sorriso, E você? Que planos tem, professor Cameron?

– Tinha pensado sequestrar e esquarterar um cidadão sueco esta tarde. Como plano alternativo, amanhã poderia ir visitar o andar “para cavalheiros, muito cavalheiros”, que o homem do marcador vermelho me sugeriu há uns dias. O que acha?

– Que é um homem tenaz. – Respondeu sem perder o sorriso – De momento, parece-me infinitamente mais excitante o seu plano alternativo.

– Cameron pensou que era uma pena os óculos de Alejandra ocultarem a intenção do seu olhar.